



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

THIAGO RODRIGUES

**AGITAÇÃO E PROPAGANDA COMO PARTE DA POLÍTICA CULTURAL NO MST:
PESQUISA PARTICIPANTE DURANTE O VI CONGRESSO NACIONAL DO
MOVIMENTO**

FORTALEZA-CE

2015

THIAGO RODRIGUES

AGITAÇÃO E PROPAGANDA COMO PARTE DA POLÍTICA CULTURAL NO MST:
PESQUISA PARTICIPANTE DURANTE O VI CONGRESSO NACIONAL DO MOVIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação Social. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho.

FORTALEZA-CE

2015

Página reservada para ficha catalográfica que deve ser confeccionada após apresentação e alterações sugeridas pela banca examinadora.

THIAGO RODRIGUES

**AGITAÇÃO E PROPAGANDA COMO PARTE DA POLÍTICA CULTURAL NO MST:
PESQUISA PARTICIPANTE DURANTE O VI CONGRESSO NACIONAL DO
MOVIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação Social. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Almeida Barbalho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC) / Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Catarina Farias de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC) / Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A Maria Margarida Rodrigues, a flor de onde brotei.

“A história da Agitação e Propaganda no Brasil ainda
está para ser contada.”

Rafael Litvin Villas Bôas

RESUMO

A pesquisa apresentada nesta dissertação aborda o uso da Agitação e Propaganda pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Faz um resgate do conceito de Agitação e Propaganda, também chamada de Agitprop, formulado principalmente na Rússia de início do século XX e analisa a influência que ela teve no Brasil na década de 1960. Apresenta o resgate da Agitprop que o MST faz desde o ano de 2003 a partir de publicações e de práticas em marchas, ocupações, manifestações. Analisa a Cultura (ou a Política Cultural) do Movimento a partir da prática da Agitação e Propaganda (Agitprop), entendida aqui também como um conceito, e busca perceber como se constitui o pensamento de cultura do movimento no seu dia a dia e como esse pensamento dialoga ou faz parte dos posicionamentos e ações políticas do MST. Investiga como a Agitação e Propaganda está relacionada às formulações em torno da cultura e como ela se insere no processo de lutas do Movimento, assim como, como ela contribui para o engajamento político dos militantes nessas lutas. Busca elementos que mostram uma formulação sobre Política Cultural e sobre Cultura que dialoga com formulações do MST acerca do tema, assim como com pesquisadores que já versaram sobre o assunto e a partir, também, das falas de militantes da Brigada Nacional de Agitação e Propaganda e da área de cultura do MST. Usa a Pesquisa Participante como método de pesquisa principal, se valendo ainda da pesquisa bibliográfica e das entrevistas em profundidade com agitadores e propagandistas do MST. A pesquisa empírica foi realizada durante o VI Congresso Nacional do Movimento, que ocorreu em fevereiro de 2014, a partir da participação no coletivo que compôs a Brigada Nacional de Agitação e Propaganda. Usa fotos, trechos de entrevistas e trechos do Diário de Campo como material da pesquisa de campo que subsidia as reflexões.

Palavras-chave: Agitação e Propaganda. MST. Política Cultural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Buscando sentidos e entendendo-se como um ser coletivo: os caminhos de um pesquisador em construção	7
1.2 Os “por quês” e os “quês” dessa imersão na Agitação e Propaganda	13
1.2.1 Apresentando a Pesquisa	13
1.2.2 Por que pesquisar Agitação e Propaganda no MST?	15
1.2.3 Como faremos?	17
2 AGITAÇÃO E PROPAGANDA COMO PARTE DA POLÍTICA CULTURAL NO MST	19
2.1 Definição do conceito de Agitação e Propaganda com percurso histórico de surgimento e usos do termo/prática	19
2.2 Conceituação de Política Cultural	26
2.3 Formulação sobre cultura no MST e como a agitprop se insere nesse debate	29
3 AGITPROP NO VI CONGRESSO NACIONAL DO MST	32
3.1 Debate metodológico e inserção no campo de pesquisa	32
3.2 Formação da Brigada e ações executadas por ela	36
3.3 Avaliando nossa atuação e apontando perspectivas	45
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXO A	49

1 INTRODUÇÃO

1.1 Buscando sentidos e entendendo-se como um ser coletivo: os caminhos de um pesquisador em construção

A necessidade de escrever estas páginas se configura como um registro e uma recuperação da minha trajetória de vida que trouxe até o presente momento, na condição de estudante e de pesquisador. Pesquisador em início de trabalhos, escorregando ainda na busca pela melhor forma de traduzir os anseios pessoais em questões de relevância social que motivem investigações mais profundas e que possam contribuir de alguma forma para a percepção e interferência na construção diária da realidade.

Esse desafio motivador acabou por me colocar na “berlinda”, pois nunca imaginei que fosse tão difícil falar de mim mesmo. Falar até que não é tão difícil, mas colocar isso no papel, sistematizar uma história, buscando lembrar influências e dar um encadeamento lógico a um percurso, por muitas vezes não tão linear, é a missão que se coloca. Escrever na primeira pessoa do singular tornou-se algo pouco habitual e chega a assustar. Acredito que este trabalho de resgate e de sistematização da memória venha a responder três questões bem amplas: Por que cheguei até aqui? Como cheguei até aqui? O que pretendo como pesquisador?

Para dar conta dessas respostas, mesmo sabendo que muitas coisas passarão em branco, iniciei a escrita pensando em frases que já ouvi várias vezes, mas que nunca me perguntei de onde surgiram, que dizem que “o trabalho do pesquisador é um trabalho solitário”, que “o ato da escrita acaba sendo individual”. Acredito que constatar a veracidade de tais jargões e dar de frente com essa solidão é o que mais me assusta. Eu, tão habituado a estar sempre em coletivo, a ter sempre pessoas ao meu lado, acostumei-me a falar no plural e a agir no plural e, preciso, solitariamente, traçar linhas sobre essa pluralidade, porém, de forma solitária. E daí, pego a minha grande motivação com a vida de pesquisador, que são as pessoas, a coletividade, a pluralidade. Estudar, compreender e colaborar para a melhoria dessa(s) coletividade(s).

Na busca por organizar esse percurso em forma de texto, a primeira lembrança que me vem são das influências que recebi e da inspiração que sempre tive em minha progenitora, que teve a árdua tarefa de ser mãe solteira e assumir as funções de mãe e pai, sempre se esforçando para não deixar capenga nenhuma das duas funções. Missão essa que se torna muito mais difícil quando o contexto social e familiar está sempre disposto a tecer críticas e a apresentar dedos em riste.

Vinda de uma família de agricultores do interior do Ceará (cidade de Barbalha) e tendo mais onze irmãos (seis homens e cinco mulheres), Dona Margarida precisou enfrentar o machismo e o conservadorismo da família, da comunidade onde vivia e dos dois irmãos coronéis da Polícia Militar para sair do seu estado sem ser casada, conquistar sucesso profissional, ter um filho e

assumir sozinha sua criação e, ainda por cima, de retornar à terra natal com esse filho e estabelecer moradia. As (o)pressões foram inúmeras e, desse parâmetro, começou minha percepção de mundo.

Quase como uma traça, desde a infância via minha mãe devorar livros e dar oportunidades e incentivos para que eu pudesse ler e que tomasse gosto por esse hábito, então, os livros serão memória frequente na minha cabeça. Além disso, por tanto ter enfrentado, ela também me motivou a nunca baixar a cabeça e nunca me calar diante das opressões e dos julgamentos. Vendo hoje, essas duas questões fazem parte de mim e são essenciais para a vida em coletivo que sempre tive e que me motiva a pesquisar, que são: a leitura e o questionamento constantes; e a inquietação. É, já me forjava um pesquisador “do social” na mais distante infância e nem me dava conta.

Boa parte das minhas lembranças de criança em João Pessoa, onde vivi até meus sete anos, remetem ao ambiente universitário, uma vez que a Margarida de onde brotei era professora de Zoologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na prática, a sua sala pessoal, a sala de aula e os corredores eram muitas vezes meus espaços de diversão, pois, por diversas vezes, uma mãe solteira que mora longe da família precisa levar o filho para o local de trabalho. Inconscientemente era embebido desde então por esse ambiente acadêmico, seja nas brincadeiras solitárias pelo espaço, seja quando era o brinqueado dos professores colegas da minha mãe ou mesmo de seus alunos.

Quando nos mudamos para Barbalha, para junto da família, uma frase dita por Dona Margarida representa muito do que sou hoje e até com essas decisões unilaterais maternas percebo sua influência, nos caminhos que sigo agora. Dizia ela que se mudou para o interior do Ceará para que eu soubesse que “não sou filho de chocadeira”, que tenho família, que tenho história. Essa decisão aparentemente simples reverberou durante os anos e hoje é uma das maiores responsáveis por eu ser esse indivíduo coletivo, esse ser coletivo que me apresento. Essa percepção de coletividade que me foi apresentada desde muito cedo tem sido o guia de minhas decisões e dos caminhos por onde piso desde então.

No interior (conservador) do Ceará, tive uma educação formal em bases católicas e prezando pelo que se chama genericamente de “bons costumes”. As condições de desenvolvimento intelectual e social me foram ofertadas nesse processo educacional pelo qual passei e a variedade de opções de caminhos também me foi apresentada. Nesse tempo no qual os estudos eram minha única preocupação é que fui buscando de forma mais consciente o “meu lugar no mundo”. Era a busca por me sentir incluído em grupos e em coletivos que me tirassem da minha caixinha de vida individual e que me possibilitassem falar (e escutar) sobre coisas maiores que o mundo vivido na rotina que se apresentava até então. E foi nessa busca por um grupo (ou por grupos) que comecei a me relacionar com os mais variados tipos de pessoas, nas mais variadas condições sociais, entrando em times de futebol, fazendo parte de grupo de capoeira, participando de grupos de jovens da igreja católica, enveredando pelo teatro, sempre na incessante procura por algo “maior”. Essa busca por algo maior

só hoje é percebida por mim como uma busca por pessoas, por fazer parte de coletivos, por meu lugar no mundo, o mais diverso possível. É, aí já se desenhava minha opção pela Comunicação, por mais que eu não tivesse essa consciência.

Em inícios do Ensino Médio, parece que essa busca foi sendo saciada, tão logo entrei na militância estudantil e tive meu primeiro contato com a organização política. Ali parecia o mundo (e as pessoas) que tanto busquei se materializando, pois começava a sentir-me parte de algo maior, onde conseguia pensar, falar e ouvir sobre uma diversidade de assuntos que poderiam estar visíveis a olho nu como também poderiam ser apenas devaneios e indagações que perturbavam nossas cabeças. Mas o espaço para isso tudo sair da cabeça estava ali e o momento de botar para fora era aquele. Aliado à militância estudantil, os três anos de ensino médio me traziam também a necessidade de optar por uma carreira, de optar por uma profissão. Por sempre ter sido um aluno aplicado e com bom rendimento, a expectativa era que eu optasse por engenharia, medicina ou direito, afinal de contas, era o que dava dinheiro, o que os “inteligentes” faziam e o caminho natural dos bons alunos. Mas essas opções não me realizavam, não me satisfaziam, não me preenchiam e só a quatro meses do vestibular eu tomei minha decisão, que surpreendeu a todos, que foi fazer vestibular para Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (PP). A escolha foi tão inconsciente, que mal sabia eu o que era a área de comunicação. Acreditava estar fazendo um vestibular para publicidade e nem entendia o que o Jornalismo e a PP tinham em comum, mas fui em frente, coloquei isso na cabeça, tentei vestibular por duas vezes (2002 e 2003) e cá estou até hoje.

Deu certo! Fui aprovado, enfrentei a família e a opinião dos mais próximos e vim morar em Fortaleza para estudar Comunicação Social. O mundo se abriu diante de mim, literalmente. Imenso, cheio de oportunidades, cheio de gente nova, cheio de possibilidades e a catarse foi imediata, já que queria beber um pouquinho de cada coisa. Incrível, mas logo vieram as crises. Vieram rápido, mas se foram rápido também.

Ao final do meu primeiro semestre já me deparei com um dilema, que acabou gerando outros. Eu, que me descobria um ser coletivo, que tinha anseios por mudanças sociais, que prezava pela união das pessoas na busca dessas mudanças, poderia me tornar um publicitário? Tinha espaço para mim na Publicidade? Onde seria esse espaço? Logo a Publicidade, que preza pelo indivíduo, que faz com que acreditemos que devemos ter muito mais do que ser e, que para ter não precisamos de mais ninguém, apenas de nós mesmos? Isso me atormentava ao final do primeiro semestre de Graduação, no final do ano de 2004. Por outro lado, existiam outras pressões como: mas se não for Publicidade, o que farei? Não me via cursando nenhuma Graduação além dessa e, ainda por cima, pesava a possibilidade de retornar a Barbalha “com o rabinho entre as pernas” por não ter conseguido levar à frente a Graduação pela qual tanto lutei. Então fui ficando e esperando para ver

se outras coisas me motivavam, se me descobria em outros espaços, afinal de contas, mal tinha começado esse trajeto. O curso de Comunicação da UFC encontrava-se sucateado, sem estrutura de laboratórios condizente com nossa demanda, com pouquíssimos e desatualizados livros na biblioteca, com bolsas em quantidades pífias e a habilitação de Publicidade e Propaganda amargava o maior déficit de professores efetivos de toda a Universidade. Ou seja, os estímulos e as possibilidades eram muito pequenos para esse sonhador interiorano.

Nessa época de fins do primeiro período e preparação para o segundo, tive a oportunidade de fazer a primeira viagem pela Universidade, indo com a delegação da UFC para o Fórum Social Mundial de 2005, em Porto Alegre, evento esse que já me fazia brilhar os olhos só de ver pela TV e que sempre tive vontade de ir. Lá, essa crise com minha escolha foi praticamente sanada, pois vi alternativas e vi que “uma outra comunicação seria possível”. Por um grande acaso, durante os dias de Fórum, na busca incessante por participar de coisas bacanas na imensa programação, me deparei num espaço de comunicação com um grupo espanhol que falava sobre Publicidade. Como assim, Publicidade nesse “Outro Mundo possível”? Que Publicidade seria essa? Curioso que estava, sentei e escutei atento a toda a discussão do grupo espanhol denominado “Consume Hasta Morir!”¹, que usava (e usa) a Publicidade para fazer uma crítica ferrenha à sociedade de consumo. Mais uma vez, as portas se abriam à minha frente e via um mundo de possibilidades ao meu redor. Confirmei ali mesmo minha opção pela Publicidade e o desafio constante de buscar as alternativas dentro dessa Publicidade.

Daí em diante, as crises transformaram-se em desafios e cursei os demais cinco anos e meio de minha Graduação sempre buscando as possibilidades de fuga da Publicidade, mesmo aparentemente ela estando tão ligada a uma forma de sociabilidade que eu almejava (e ainda almejo) transformar. Os dilemas focaram-se muito mais numa questão técnica nesse momento: já que não sou muito próximo, nem muito afeito aos programas de computador, como passar pela Graduação de uma área tão “digital” sendo tão “analógico” e priorizando muito mais as pessoas que as máquinas? No mesmo ano de 2005, tive a agradabilíssima surpresa de descobrir a Mídia Radical através do livro homônimo de John Downing, de 2004, e também de ver escrito por Naomi Klein as questões tão marteladas em minha cabeça sobre o nosso mundo vendido, entregue à tirania das marcas, com o livro *Sem Logo* (2002). Enxergava, então com clareza, que existia, sim, espaço para mim na Publicidade e esse refúgio chamava-se Contrapropaganda, *Culture Jamming* e tantas outras formas subversivas de se abordar os estudos e a prática publicitária.

Durante os seis anos que minha Graduação durou, participei ativamente do Movimento Estudantil, seja específico da área de Comunicação, seja ele o Movimento geral da Universidade e

¹ Site: <http://www.consumehastamorir.net/spip/>

tive contato com outras questões muito importantes para minha formação como pesquisador, como acadêmico. Foi pelo Movimento Estudantil (ME) que conheci um autor de vertente anarquista chamado Roberto Freire, por meio de seu livro *Sem Tesão Não Há Solução* (1987), como também conheci Paulo Freire e sua forma pedagógica de viver, inicialmente pela obra *Educação ou Comunicação* e tantos outros autores e obras que não saberia enumerar por conta de minha pouca organização e memória para com as leituras.

Como o mercado publicitário nunca se desenhou como uma opção viável para mim e minha vontade de estudar e de me aprofundar nas questões sociais só crescia, o caminho da Academia foi se desenhando o mais próximo e o mais viável para minha trajetória. A Universidade era encarada muito como um refúgio, como o único trajeto viável e minhas opções durante a Graduação foram apontando para esse caminhar e já me apresentando um possível objeto de estudo, que veio a se concretizar com a aprovação na seleção de Mestrado em Comunicação para a turma de 2013.

Tive oportunidade de participar, como gestão do Diretório Acadêmico (D.A.) e como militante estudantil, das discussões que originaram a LIGA Experimental de Comunicação, que se tornou projeto de extensão sob a coordenação da Profa. Glícia Pontes. No ano de 2008, com a LIGA já em atividade, compus o corpo de estudantes que desenvolvia um projeto em parceria com o MST-CE, que era a elaboração de um Plano de Comunicação para o Movimento no Ceará. Essa atividade de extensão serviu para um estreitamento de laços com o Movimento, laços esses que já tinham se traçado por conta da minha atuação no ME. Em 2009, fui monitor da disciplina de Introdução à Publicidade, orientado pela mesma professora, e, na metade da monitoria, assumimos a missão de fazer mais que as atividades da disciplina na qual desempenhava o papel de monitor, e continuar aquela parceria firmada em 2008 com o Movimento. Tentamos (em conjunto com o MST) produzir um documentário que resgatasse a história de 20 anos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Ceará. Mais uma oportunidade de estreitamento de laços e para conhecer um pouco mais da dinâmica daquele espaço que futuramente se tornaria parte fundamental de um esforço de pesquisa acadêmica.

Ainda em 2009 integrei a coordenação regional da Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação Social (ENECOS), que organizou o XXX Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social (ENECOM), realizado em Fortaleza. Um dos objetivos do encontro era uma aproximação e uma construção conjunta com os Movimentos Sociais do campo e da cidade. Nesse sentido, estava, outra vez e, por caminhos diversos, me aproximando do MST. Por conta dessa organização do Encontro, eu e mais alguns estudantes tivemos a oportunidade de participar do Encontro de Jovens do MST, no qual tive meu primeiro contato mais intenso com o que hoje me

proponho a pesquisar, que é a Agitação e Propaganda (Agitprop)². Contato ainda sem a perspectiva de pesquisa, apenas como militante. No ano seguinte, no último semestre da Graduação (2010.1), tornei-me bolsista de iniciação científica (PIBIC), sob orientação da Profa. Márcia Vidal, para desenvolver uma pesquisa sobre a mística no MST. Por conta dessa pesquisa, tive oportunidade de conhecer a realidade de assentamentos no Ceará e de pessoas ligadas ao Movimento, sejam elas assentadas ou militantes mais orgânicos da organização.

Nessa época, já ocorria o curso de Jornalismo para Assentados e Assentadas da Reforma Agrária (Jornalismo da Terra) na UFC, coordenado pela mesma Profa. Márcia Vidal. O curso de Graduação, foi criado em parceria com o PRONERA e tinha como pré-requisito que os/as estudantes tinha que ser assentados, geralmente militantes do MST ou do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Com o encerramento de minha bolsa PIBIC, optei por dar continuidade à participação no grupo de pesquisa Mídia, Cultura e Política (também coordenado pela profa. Márcia), mesmo depois de formado e como forma de me aproximar mais da Pós-graduação. Abriram-se, então, as portas para tornar-me colaborador do curso de Jornalismo da Terra. A participação no curso, a partir de 2011, foi o grande motivador para tentar a seleção no Mestrado com o projeto que hoje desenvolvo, que busca entender como a Agitação e Propaganda se insere no processo de luta do MST e contribui para o engajamento político de seus/suas militantes. O contato com dirigentes e militantes de várias partes do país me mostrou de uma forma mais sistemática que a prática da Agitprop era fruto de formulações, de teorizações que datavam de pelo menos um século.

Com a necessidade de aprofundar os estudos para elaborar um projeto de pesquisa, conversei com pessoas ligadas ao MST que muito me ajudaram nesse percurso, como Miguel Stédile, Marcelo Dourado, Cássia Bechara, Íris Pacheco, Carlos Luz e muitos outros. Nesse período, conheci autores como Vladimir Lênin (2010), Maria da Glória Gohn (1997), Jean-Marie Domenach (2001), Iná Camargo Costa (1996; 2004; 2006), que me auxiliaram no entendimento histórico da Agitprop e na contextualização da agitação e propaganda como parte da luta dos trabalhadores rurais.

Agora o momento que se apresenta para mim é o de materializar em texto toda a vivência que tive junto à Brigada de Agitação e Propaganda do MST, juntamente com as reflexões oportunizadas pelas leituras. Ao ler essas linhas apressadamente escritas, consigo ver o quanto ainda preciso caminhar e o quanto essa discussão pode ser fértil e render questões para análise. Posso também perceber como meu caminho, que até então achava-se meio tortuoso, foi linear e me conduziu para o único local onde eu deveria estar. A palavra crise hoje perdeu espaço para a palavra desafio e a

² A Agitprop pode ser caracterizada como um conjunto de técnicas, formulações e ações que visam a despertar indignação na sociedade, a partir dos problemas vividos no dia a dia e, também, buscar as fontes de tais questões, lançando as bases para a mobilização em busca de soluções coletivas.

certeza que sou um ser coletivo só aumenta a cada dia que me constituo como um pesquisador social. Acredito ter respondido satisfatoriamente a duas das três perguntas que usei como norteadoras desse memorial. A terceira, “O que pretendo como pesquisador?”, tem caminhos apontados, mas só vai ser respondida a contento durante o caminhar e, cada vez mais, sinto que estou apenas começando.

Um fator que influenciou a escolha desse objeto de estudo, consiste na relação existente com o MST, por meio da qual tive contato com a Agitprop. Esses encontros com o Movimento se iniciam em 2005 e por meio deles tive contato com militantes dos setoriais de Comunicação e Cultura nacionais que me possibilitou um contato mais próximo com a Agitação e Propaganda do MST, seja por meio de conversas ou por meio de bibliografias, ajudando, assim a definição deste objeto de estudo.

1.2 Os “por quês” e os “quês” da imersão na Agitação e Propaganda

1.2.1 Apresentando a Pesquisa

A Agitação e Propaganda é uma atividade central para muitos Movimentos Sociais e organizações políticas de caráter marxista-leninista. Nessa pesquisa pretendemos abordar o uso da Agitprop pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na ocasião do VI Congresso Nacional, ocorrido em fevereiro de 2014. Contudo, faz-se necessário uma abordagem histórica e conceitual do termo/prática, uma vez que ele é pouco conhecido e existem poucas publicações em português a respeito.

A agitação e propaganda sempre foi uma atividade importantíssima e essencial para qualquer organização política ou Movimento difundir suas ideias, utilizando-se meios de comunicação de massa. Na tradição histórica da esquerda a agitação e propaganda estão coladas, por que se referem a uma forma específica de fazer apenas propaganda das ideias. Não é o espaço de fazer debates, aprofundar ideias ou convencer pessoas. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.22)

Estudar Movimentos Sociais no Brasil é tarefa ainda premente dada à multiplicidade de movimentações, grupos e manifestações que podem ser compreendidas a partir do conceito de Movimentos Sociais (MS). A complexidade de tais Movimentos, não obstante, exige de nós, pesquisadores, uma definição clara do que seja e de que tipo de MS estamos tratando, já que “Por mais óbvio que o termo possa parecer, foi empregado de diferentes maneiras para se referir às muitas sublevações sociais e políticas que ocorreram a partir do século XIX.” (DOWNING, 2004, p. 56). A socióloga Maria da Glória Gohn (1997) destaca a amplitude dessa teorização quando afirma que:

Movimento social é uma noção presente em diferentes espaços sociais: do erudito, acadêmico, passando pela arena política das políticas e dos políticos, até o meio popular. Na teoria e/ou na prática, todos têm uma representação do que seja um Movimento social. Esta representação sempre envolve um coletivo de pessoas demandando algum bem material ou simbólico. (GOHN, 1997, p.242)

Podemos compreender os Movimentos Sociais tendo em vista várias conformações, desde os que lutam por questões específicas como os feministas, os ecológicos, os étnico-raciais, aos que reivindicam transformações sociais de cunho político-econômico-social mais genéricas, como os movimentos de bairros, os movimentos de trabalhadores. A esse respeito importa ressaltar que:

Eles [os Movimentos Sociais] estão em luta na defesa de seus interesses, buscando conquistas ou resistindo às mudanças que solapam conquistas anteriores. Sempre atuam em áreas de conflitos. Historicamente sempre foram os setores subordinados os que mais produziram lutas sociais; mas encontramos também lutas e Movimentos nos setores dominantes, esses também em busca de construção de sua historicidade. (GOHN, 1997, p.250)

Segundo Downing (2004), existem três classificações ou modelos de Movimentos Sociais: o primeiro e mais antigo refere-se às rebeliões, tumultos de massas levadas por “emoções impetuosas”, com um caráter apenas de ativismo. O segundo, em oposição ao primeiro, refere-se aos “Movimentos sociais como atores racionais” nos quais as ações se configuram como táticas para exercer influência no poder estatal, na sociedade e no processo político. O terceiro modelo vem das teorias dos Novos Movimentos Sociais (NMS), que percebem as manifestações não como ações que objetivam direcionar exigências ao Estado ou conquistar um ganho material imediato, mas trazer à cena pública questões específicas, geralmente ligadas à cultura, o que exemplificam os Movimentos feministas, pacifistas ou ecológicos. Para estudar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), acreditamos que o segundo modelo proposto pelo autor seja o mais apropriado, dadas as características do Movimento, que,

Como não têm propriedade e geralmente são pobres, os membros do público em geral precisam criar recursos alternativos para exercer influência sobre o processo político e de alocação. Esses recursos alternativos consistem em ações coletivas como greves, ocupações, passeatas, operações tartaruga, bloqueios de tráfego. Longe de ser explosões irracionais de turbas ensandecidas, essas ações são táticas cuidadosamente refletidas e levadas a cabo por aqueles que não têm riqueza nem poder estatal. (DOWNING, 2004, p.56)

Avançando e aprofundando essa definição, recorreremos ao conceito de MS formulado por Maria da Glória Gohn, em seu livro *Teoria dos Movimentos Sociais* (1997). Segundo ela,

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos

pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o Movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados. Os Movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protestos delineados. Os Movimentos participam portanto da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes; e dos projetos políticos que constroem com suas ações. Eles têm como base de suporte entidades e organizações da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuam. (GOHN, 1997, p.251 e 252)

A complexidade e as distintas formas de atuação do MST nos levam a ponderar a inviabilidade de cercá-lo a partir dessa conceituação apenas. Utilizaremos, todavia, para definir esse Movimento, os elementos principais desse conceito, fazendo as ponderações necessárias, tendo em vista que a dinâmica do MST está em constante modificação, criando-se e recriando-se no dia a dia.

Podemos verificar que os “Sem Terra” politizam a problemática da falta de terras para agricultores e a exclusão social como uma questão político-social de caráter histórico e, a partir daí, desenvolvem um campo de forças políticas e sociais na sociedade civil em apoio a essa luta, mantendo relações com instituições como Igreja, sindicatos, ONGs (nacionais e internacionais), universidades etc. Dessa forma, interferem na esfera pública estatal e não-estatal, gerando, assim, debates e ações acerca das suas pautas reivindicatórias. Constitui-se em um coletivo de sujeitos que constroem uma identidade comum. Internamente, a solidariedade existente acaba por unificar as diferenças existentes entre os vários segmentos. Uma comunicação pensada estrategicamente transmite à sociedade uma visão unitária e coesa de Movimento, o que é feito também e, sobretudo, por meio das marchas, manifestações, veículos de comunicação do Movimento e símbolos. O que é perceptível é que o Movimento mantém-se coeso em prol de um bem comum e, dessa forma, tentando ganhar a adesão de outros setores sociais.

1.2.2 Por que pesquisar Agitação e Propaganda no MST?

Conhecida como Agitprop, a Agitação e Propaganda, ação que ganhou destaque político durante a Revolução Russa de 1917 pode ser caracterizada como um conjunto de técnicas, formulações e ações que visam a despertar indignação na sociedade, a partir dos problemas vividos no dia a dia e, também, buscar as fontes de tais questões, lançando as bases para a mobilização em busca de soluções coletivas.

Desde 2003, na perspectiva de participação popular e de transformação social, os Setoriais de Comunicação e Cultura do MST vem desenvolvendo um resgate teórico-prático da Agitprop. Para o MST, “A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social.” (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESSINA, 2007, p.10)

No ano de 2003, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, através dos setoriais de Comunicação e de Cultura, toma para si a tarefa de resgatar o conceito e a prática de Agitação e Propaganda. Tomando como base as formulações teóricas de início do século XX, principalmente aquelas elaboradas por pensadores da Rússia, e apoiando-se nos poucos registros de experiências desse tipo no Brasil, que datam da década de 1960, o Movimento começa a traduzir textos, fazer publicações e montar Brigadas de Agitprop em assentamentos e acampamentos. Essa perspectiva é atestada na publicação *Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social* (2007), no qual o Movimento afirma:

A perspectiva de construção de um projeto popular, livre e soberano para o país é uma bandeira de luta que tem conseguido aglutinar forças sociais do campo e da cidade. Mas para que essa bandeira possa tornar-se uma alternativa concreta ao futuro do país, será necessário que as classes populares possam tornar-se protagonistas da arena política, econômica e cultural, e nesse sentido a agitação e propaganda tem muito a contribuir. (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESSINA, 2007, p.08)

Podemos destacar dois elementos importantes nesse processo, que foram: as atividades de agitação e propaganda ocorridas no processo da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, em 2005; e a cartilha *Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social*, publicada pela Via Campesina, em junho de 2007.

Essa prática constitui, também, uma forma de escapar do monopólio ideológico e midiático existente no Brasil atualmente. De acordo com o Movimento,

(...) o monopólio dos meios de comunicação de massa (...) hoje ele é um dos principais mantenedores da desinformação e alienação. Como ainda não possuímos os meios de produção e divulgação de massa que nos permitem combater o padrão hegemônico de representação da realidade, temos que seguir potencializando os métodos de trabalho de base e agitação baseados no contato real dos militantes com a população (...) (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESSINA, 2007, p.20)

Percebemos, assim, a atualidade do tema em questão, não só por estar se desenvolvendo nos dias de hoje, mas também por nos permitir debater a produção de formas diversas de comunicação em um cenário de concentração, que caracteriza o setor das comunicações no Brasil. A escassez de

publicações em português acerca do tema traz-nos um motivante desafio de proporcionar, por meio da pesquisa, materiais (artigos, *papers*, publicações) que possam se somar ao que temos e servir de fonte para outros pesquisadores. A seguir, falaremos sobre nossa empreitada no trabalho como um fenômeno em construção e explanaremos o passo a passo de nossa trajetória como pesquisador.

1.2.3 Como faremos?

Pesquisar um fenômeno em construção no dia a dia, ou seja, contemporâneo, envolvendo a vida de um considerável número de pessoas, no caso os militantes do MST, exige de nós, pesquisadores, um cuidado e uma atenção especial na definição do percurso metodológico a ser adotado.

Para desenvolver o estudo em questão, iniciamos uma pesquisa bibliográfica na busca pelas origens da teorização em torno da Agitação e Propaganda (que data do início do século XX) no mundo, nos valendo, inicialmente, da revisão da literatura sobre o tema, sobretudo de obras de autores como Vladimir Lênin, Jean-Marie Domenach e John Downing. Buscaremos, também, nessa incursão pela bibliografia, as manifestações e teorizações da Agitprop no Brasil, buscando as experiências dos Centros Populares de Cultura (CPC's) e do Movimento de Cultura Popular (MCP) na década de 1960, por meio de autores como Rafael Litvin Villas Bôas, Rayssa Aguiar Borges e Iná Camargo Costa. Também teremos como fonte bibliográfica, as publicações do MST e da Via Campesina. Consideramos a Pesquisa Bibliográfica necessária a qualquer trabalho acadêmico e, em nosso caso, sendo usada principalmente no início da pesquisa, pois,

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos, para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2005, p. 51).

Outro procedimento para desenvolver essa pesquisa e que, aliás, será a base do nosso pensar e agir durante toda ela, será a Pesquisa Participante. Para percebermos a influência da Agitação e Propaganda no engajamento político dos militantes do Movimento, nos inserimos de forma mais próxima no cotidiano do MST, em especial dos Agitadores e Propagandistas, fazendo parte da Brigada de Agitação e Propaganda que se formou durante o VI Congresso do Nacional do Movimento, em fevereiro de 2014.

Consideramos, então, esse método o mais adequado para nortear nosso trabalho, pois a Pesquisa Participante parte da crítica a alguns pressupostos de metodologias mais tradicionais nas Ciências Sociais, como a objetividade e a neutralidade científicas, partindo da premissa que:

Conhecimento coletivo, a partir de um trabalho, que recria, de dentro para fora, formas concretas dessas gentes, grupos e classes participarem do direito e do poder de pensarem,

produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si próprias. Um conhecimento que, saído da prática política que torna possível e proveitoso o compromisso de grupos populares com grupos de cientistas sociais, por exemplo, seja um instrumento a mais no reforço do poder do povo. Poder que se arma com a participação do intelectual (o cientista, o professor, o estudante, o agente de pastoral, o trabalhador social e outros profissionais militantes) comprometidos de algum modo com a causa popular. (BRANDÃO, 2006, p.10)

Alguns pesquisadores denominam esse método de Observação Participante e, mesmo compreendendo-os com distinção, essa formulação se faz relevante para explicitar nossa concepção de metodologia:

[...] recusa de aceitação do postulado de distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa, o que remete à necessidade não só da inserção do pesquisador no meio, como de uma participação efetiva da população pesquisada no processo de geração de conhecimento, concebido fundamentalmente como um processo de educação coletiva; finalmente, o princípio ético de que a ciência não pode ser apropriada por grupos dominantes conforme tem ocorrido historicamente, mas deve ser socializada, não só em termos do seu próprio processo de produção como de seus usos, o que implica na necessidade de uma ação por parte daqueles envolvidos na investigação (pesquisador e pesquisado) no intuito de minimizar as desigualdades sociais nos seus mais variados matizes (desigualdades de poder, de saber etc.). (HAGUETTE, 1992, p. 109).

Nesse sentido, aproveitando nossa imersão nas atividades do VI Congresso Nacional do MST, mais especificamente na Brigada de Agitação e Propaganda, realizamos entrevistas com membros do setorial de comunicação e do setorial de cultura do Movimento e também da Via Campesina envolvidos diretamente com o processo de resgate da Agitprop. Entrevistamos também Agitadores e Propagandistas que estiverem “atuando” durante o processo do Congresso e das demais atividades. Essas entrevistas visaram à coleta de elementos concretos de análise da realidade (no caso, os depoimentos) que, mais adiante, foram confrontados com as teorias agrupadas na Pesquisa Bibliográfica, objetivando uma análise da relação “teoria” e “prática”. Nesse caso, compreendemos que o mais adequado foi utilizar a entrevista em profundidade por ser “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.” (DUARTE, 2005, p. 62).

Tal percepção não se caracteriza como algo simples, já que esse é um processo complexo, que envolve muitas pessoas e muitos elementos, requer, pois, uma compreensão complexa, inclusive, por quem está executando as ações de Agitprop. Então, consideramos a técnica de entrevista adotada como a mais adequada a tais condições, já que:

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrições de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. (DUARTE, 2005, p. 64)

2 AGITAÇÃO E PROPAGANDA COMO PARTE DA POLÍTICA CULTURAL NO MST

2.1 Definição do conceito de Agitação e Propaganda com percurso histórico de surgimento e usos do termo/prática

Por conta da dificuldade de se encontrar publicações a respeito e também pela não-continuidade das experiências de Agitprop no mundo, torna-se difícil ter uma precisão acerca de quando o termo foi cunhado e quando se iniciaram as elaborações em torno de tal atividade. Isso também foi atestado pelo MST no texto: *Dez Anos de Agitação e Propaganda do MST*, escrito por Miguel Stédile e presente na *Apostila de Formação da Brigada de Agitação e Propaganda do VI Congresso Nacional do MST*:

O conceito de “agitação e propaganda” tem sua origem imprecisa. Em carta aos sociais-democratas da Bavária, Engels já chamava atenção para a necessidade em converter as indignações cotidianas dos trabalhadores daquela região em ações de agitação. Há quem veja nos panfletos da Revolução Francesa a origem desta prática política. O certo, porém, é que o conceito como conhecemos hoje foi cunhado por Plekhanov e consolidado e popularizado por Vladimir Lênin, (...) (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.30)

Lênin, então, é apontado por muitos autores como o grande formulador da Agitprop. De acordo com Bechara (2008):

Lênin amplia o conceito de Agitação e Propaganda desenvolvido por Plekhanov, para além de instrumentos de divulgação das idéias Marxistas, de denúncia do capitalismo e de mobilização das massas. Para ele, a Agitação e Propaganda são também elementos centrais de formação da consciência da classe trabalhadora e de organização, expansão e unificação da luta revolucionária. Estão ligados ao todo do processo revolucionário, sendo o elo de ligação entre a teoria e a prática. (BECHARA, 2008, p.04)

Buscando no próprio Lênin (2010), veremos a definição de Agitprop como uma prática que liga intimamente os dois elos, tanto o agitador como o propagandista, fazendo da função de um, complemento para a ação do outro e vice versa, ou seja, a agitação não deve existir sem a propaganda e a propaganda só terá os efeitos esperados depois de uma ação de agitação.

(...) um propagandista quando trata por exemplo da questão do desemprego, deve explicar a natureza capitalista das crises, analisar a causa da inevitabilidade das mesmas na sociedade atual, indicar a necessidade de transformar a sociedade capitalista em socialista etc. Numa palavra, deve oferecer “muitas idéias”, tantas, que todas essas idéias, no seu conjunto poderão ser assimiladas no ato somente por um número (“relativamente”) reduzido de pessoas. Por outro lado, ao tratar da mesma questão, o agitador tomará um exemplo, o mais evidente e o mais conhecido do seu auditório – por exemplo, o caso de uma família de desempregados morta de inanição, o aumento da miséria etc. – e aproveitando esse fato conhecido, dirigirá todos esforços para divulgar para as “massas” *uma só ideia*: a ideia do absurdo da contradição entre o incremento da riqueza e o aumento da miséria; tratará de *despertar* nas massas o descontentamento e a indignação contra essa flagrante injustiça,

deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa dessa contradição. (LÊNIN, 2010, p.131 e 132)

Durante as atividades de formação da Brigada Nacional de Agitação e Propaganda que atuou durante o VI Congresso Nacional do MST, da qual participamos durante a pesquisa de campo, tivemos um momento de aprofundamento teórico e histórico acerca da Agitprop e essa perspectiva da junção das ações do agitador e do propagandista também foi abordada e registrada em nosso Diário de Campo da seguinte maneira: “- Agitprop = formação (mais tempo para menos gente) + agitação (ações pontuais para muita gente);” (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO).

Em entrevista que realizamos com o membro da Coordenação Nacional do MST, Miguel Stédile, ele apresenta uma avaliação acerca do percurso inconstante da Agitprop, que, como dito, ganhou grande notoriedade com Lênin e no período da Revolução Russa, mas na própria Rússia ela sofreu desvios que ajudaram a prática a perder potencial e significado:

O termo Agitação e Propaganda ele sempre teve presente nas experiências das organizações de esquerda desde o início do século XX e a partir do período Stalinista esse termo começa a se engessar do ponto de vista organizativo e a partir da crise da esquerda nos anos 80 ele ganha inclusive um tom pejorativo, e tem uma parte da esquerda que vai substituir a ideia da Agitação e Propaganda pela publicidade, né, pela venda das ideias como mercadoria, e que vai de certa forma jogando o termo no ostracismo (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

A Agitprop pode ser caracterizada como um conjunto de técnicas, formulações e ações que visam a despertar indignação na sociedade, a partir dos problemas vividos no dia a dia e, também, buscar as fontes de tais questões, lançando as bases para a mobilização em busca de soluções coletivas. Para o MST, “A agitação e propaganda é um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização de massas em processos de transformação social.” (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA, 2007, p.10)

Carina Adriana Waskiewicz (2011), no seu trabalho *Agitação e Propaganda nos Processos de Luta do Acampamento Jair Antônio da Costa*, fala sobre a indissociabilidade entre a Agitação e a Propaganda, quando sentencia: “(...) a agitação e a propaganda entrecruzam-se, pois essas mesmas atividades aparentemente isoladas podem estar à disposição de um objetivo mais longínquo, porém precisam estar articuladas.” (WASKIEVICZ, 2011, p.11) Considerando, então, essa indissociabilidade, percebemos que:

Uma providência fundamental nas ações de Agitprop é a articulação permanente entre elementos da conjuntura e da base estrutural do sistema a ser criticado. Pois se nossa perspectiva não é melhorar, ajustar ou concertar o sistema, é nosso dever erigir uma metodologia de formação de agitadores e agitadoras que os habilitem a formular estratégias e táticas cuja força seja suficiente para abalar as estruturas de dominação, por meio de uma

contraposição crítica que vá a raiz dos problemas, (...) (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.21).

Downing (2004), por sua vez, ao discutir a mídia radical leninista, esboça uma crítica à Agitprop, afirmando que ela serve para “moldar” as pessoas à ideologia socialista defendida por Lênin, como se não fosse dado a essas pessoas elementos para uma análise completa e complexa dos fatos, apresentando-se apenas uma versão deles, de forma doutrinária.

Um outro comentário sobre o modelo leninista diz respeito ao Agitprop – abreviação para combinação de táticas de informação de curto prazo para trazer ao conhecimento do público os abusos e problemas imediatos (agitação) e de estratégias de comunicação política de longo prazo (propaganda) destinadas a moldar corações e mentes numa direção compatível com o marxismo-leninismo. (DOWNING, 2004, p.111)

Stédile também nos apresenta um resgate histórico com um pouco de avaliação de como o MST faz uso da Agitprop desde inícios do Movimento. Fala que, inicialmente, era usado o termo Agitprop para se referir à formulação clássica popularizada por Lênin e elaborada por Plekhanov, mas sugere que com o passar do tempo essa formulação é revista e incrementada, criando-se um método próprio do Movimento, que dialogue e atenda às suas necessidades organizativas, vinculando-se, por exemplo, imprescindivelmente à estratégia política da organização.

se tu buscar nas origens do Movimento nos anos 80 haviam algumas cartilhas que orientavam a organização do Movimento e uma delas já falava do termo Agitação e Propaganda se referindo à concepção clássica, há uma diferença central entre essa concepção clássica e a que nós trabalhamos hoje porque o conceito clássico de Agitação e Propaganda se apoia na ideia (...) que Agitação seria de forma bastante didática, simplista, né, uma ideia que você trabalha com milhares, com centenas de pessoas, enquanto a Propaganda seria muitas ideias que você trabalha com poucas pessoas (...) o conceito de Agitação e Propaganda que o MST passou a trabalhar a partir da sua experiência acumulada, desde a sua fundação, das ações que nós já fazemos de Agitação e Propaganda sem chamar por esse nome, com o conceito clássico com a formação do setor de cultura e comunicação ela é maior do que isso, Agitação e Propaganda é um método, é uma ferramenta de luta e de formação e de organização vinculada à estratégia daquela organização (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

Essa relação direta e intrínseca, apontada por Stédile, entre Agitprop e a estratégia política da organização que a pratica, foi discussão muito presente durante as atividades de formação da Brigada. Algo que tivemos que entender e conviver diariamente nos dias que antecederam o VI Congresso como também nas atividades desenvolvidas por nós, da Agitação e Propaganda, durante evento. Em vários momentos da formação esse debate foi colocado e registramos isso também em nosso Diário de Campo, pois percebíamos que essa era uma condição pétreia para o desenvolvimento de qualquer atividade de Agitprop, compreender como nossas ações estavam, e deveriam estar, vinculadas à estratégia política do MST para o momento.

- A Agitprop está sempre associada a uma estratégia maior, e nunca uma ação isolada; (...)
 - A Agitprop sempre é associada a uma estratégia. No caso da esquerda, é um passo na mudança do sistema;
 - A Agitprop também é feita nas brechas, nas oportunidades. É preciso estar sempre atento; (...)
 - A Agitprop do MST está SEMPRE vinculada à estratégia do movimento;
 - A estratégia política do movimento é quem determina as condições de existência e continuidade da Agitprop.
- (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO)

Para levar os debates acerca das questões políticas mais profundas, os agitadores e propagandistas fazem uso de linguagens artísticas variadas e interligadas, desenvolvendo e aprimorando técnicas de acordo com o conteúdo a ser transmitido. Isso é feito desde inícios do século XX, na Rússia do período revolucionário de 1917, como podemos depreender de um trecho da publicação do MST sobre a Agitprop:

(...) grupos de soldados do exército vermelho, de estudantes e de artistas se empenharam na invenção, desenvolvimento ou aprimoramento de uma série de técnicas de Agitprop, fazendo uso das mais diversas linguagens – como o cinema, o teatro, a música, o jornalismo, a retórica, as artes plásticas – e meios, como o trem de Agitprop, que levava em cada vagão uma forma distinta de agitação e propaganda: banda de música, grupo de teatro, equipamento de cinema para exibição e filmagem, militantes para fazer discursos políticos, vagão biblioteca, etc. (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA, 2007, p.11)

No Brasil, também tivemos experiências anteriores com Agitação e Propaganda, que datam da década de 1960, realizadas principalmente pelos Centros Populares de Cultura (CPC's) e pelo Movimento de Culturas Populares (MCP). Porém, temos poucos registros dessas iniciativas por conta da interrupção dessas ações pela ditadura militar e a perda da maioria dos arquivos.

(...) os Centros Populares de Cultura (CPC's) e o Movimento de Cultura Popular (MCP), ambos destruídos pelo golpe militar, articularam as esferas da cultura e da política de forma radical. A experiência de agitação e propaganda desses dois Movimentos, que amadurecia a passos largos, compreendia a publicação de jornais, revistas, livros de poesia e música, a gravação de discos, a organização de festivais e de debates. Ambos os Movimentos operaram mudanças radicais na organização da produção do teatro brasileiro, desde os temas, a pesquisa de formas teatrais, a incorporação do processo de redação e direção coletiva das peças, a apresentação gratuita em comunidades rurais e bairros de periferia urbana, e a realização de oficinas de formação teatral, em consonância com a formação política, que naquela conjuntura não andavam dissociadas. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.17)

Aqui, vale tomar nota que as experiências de Agitação e Propaganda que citamos não foram as únicas existentes nem no Brasil e muito menos no mundo. Experiências diversas ocorreram e nosso intuito ao ressaltar apenas algumas é fazer um recorte, uma vez que não daríamos conta de falar sobre todas nesse trabalho, buscando as que mais influenciaram o MST no resgate e na formulação de Agitprop que é desenvolvida pelo Movimento e que tivemos oportunidade de vivenciar durante a

Pesquisa de Campo. Essas referências tidas pelo MST e seu papel assumido de resgate da Agitação e Propaganda ficaram evidentes durante os debates que tivemos na Brigada, tanto nos momentos de formação como nos momentos de elaborarmos ações. As experiências anteriores da Rússia e, no caso do Brasil, dos CPC's e do MCP sempre surgiam como parâmetro, como podemos perceber pelo registrado em nosso Diário de Campo:

- Na Rússia, a agitprop foi usada para divulgar e propagar a revolução pelo restante do país;
 - Nos inícios da Revolução, vários grupos de agitprop foram criados e multiplicaram-se por toda a Rússia, entre 1917 e 1924, principalmente;
 - A experiência brasileira surge na década de 1960, com os CPC's e com o MCP (este último, em Pernambuco);
 - Porém, essas experiências foram massacradas com o Golpe Militar. CPC (1961 a 1964) e MCP (1959 a 1964)
- (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO)

Em menor medida, mas também importante de ressaltar, foi falado da presença da Agitação e Propaganda nas lutas do Movimento Negro Norte-americano com Malcom X, Martin Luther King e os Panteras Negras, por exemplo. Também em menor medida, sem nos determos muito nisso, foi colocado durante a formação da Brigada que no Brasil podemos considerar como primeiras experiências de Agitprop as lutas contra a escravidão.

Na perspectiva de participação popular e de transformação social, os Setoriais de Comunicação e Cultura do MST desenvolvem, desde 2003, um resgate teórico-prático da Agitação e Propaganda como método de luta, de organização do Movimento e de divulgação de suas bandeiras.

O ano de 2003 marca o início formal em que o Movimento Sem Terra deliberou a retomada prática dos conceitos de “agitação e propaganda”. Mais do que uma data, registra uma decisão política em recuperar um conceito que sempre esteve presente na tradição e no histórico da esquerda internacional e que se encontrava abandonada. Mais do que uma formalidade teórica, significou a efetivação de uma prática política. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.30)

Sobre essa retomada Stédile diz:

formalmente falando na coordenação nacional de 2003 nós fizemos uma discussão mais aprofundada sobre a importância de recuperar a discussão sobre Agitação e Propaganda, mas ela já vinha mais ou menos do ano anterior a partir da crítica e autocrítica que o Movimento fazia sobre a atuação da comunicação (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

No mesmo dia e local que realizamos a entrevista com Miguel Stédile, realizamos também a entrevista com Rafael Villas Bôas (Coordenador da Brigada Nacional de Agitação e Propaganda do VI Congresso Nacional do MST), de forma que em alguns momentos da entrevista com um ocorria a participação do outro. Desta forma, quando questionei Villas Bôas sobre como ocorreu esse

processo de formalização das discussões sobre Agitprop no Movimento, ocorreu também a participação de Stédile apresentando outro ponto de vista, que gerou um diálogo bem pertinente para responder a questão, e que reproduzo aqui:

em 2003 tem o acampamento, o marco de 2003 orgânico, além do curso [de comunicação, nível médio, ocorrido no Iterra], é o acampamento da via campesina aqui em Brasília, foi o primeiro momento dos acampamentos que teve uma Brigada de Agitprop, tem fotos disso, uma Brigada que saía pra rua, saía pra rodoviária com esse intuito claro, com um conceito já de Agitação e Propaganda e paralelo a isso tinha o curso, então são dois percursos que a Agitação e Propaganda vai refazendo, vai sendo feito de maneira teórica e política, [**Rafael Villas Bôas**]

(...)

eu acho que tem um outro Movimento, Rafael, que era da direção nacional, no fundo, a turma Lenin tava tateando, mas não sabia muito bem a decisão do curso de acentuar mais a Agitação e Propaganda foi uma orientação da coordenação nacional, foi uma reflexão de qual era a comunicação que o Movimento precisava pra dar conta desse momento, no final do governo Fernando Henrique (...) teve uma intencionalidade na direção do Movimento que coincidiu com o fato do setor de cultura e comunicação já tava amadurecendo algo semelhante, então veio de encontro com a demanda da estratégia da organização, [**Miguel Stédile**] (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

Mesmo que a decisão política de formulação acerca da Agitação e Propaganda tenha ocorrido em 2003, podemos afirmar que desde o seu surgimento, o MST tem práticas políticas de Agitprop. As marchas, bandeiras, cartazes, pichações, murais, debates em escolas não estavam sistematizadas em torno desse conceito, mas podemos caracterizá-las como tal. Tais ações também foram usadas na Rússia após o Outubro Vermelho, notadamente como ações de Agitação e Propaganda, como podemos ver nesse fragmento de texto presente no livro *Cultura e Revolução Cultural* (1968):

Vladimir Ilich chamou-me em 1918 e disse-me que era preciso pôr em primeiro lugar a arte como um meio de agitação. E expôs-me dois projetos. Em primeiro lugar, considerava que deviam adornar os edifícios, muros e demais lugares onde se costumava pregar cartazes com grandes inscrições revolucionárias. (...) O segundo projeto tinha relação com a ereção de monumentos aos grandes revolucionários em escala extraordinariamente vasta, de monumentos temporários, em gesso, (...) Vladimir Ilich chamava a isso “propaganda monumental”. (LÉNIN, 1968, p. 185)

O marco de 2003 existe como uma demarcação de quando a reflexão sobre tais ações se incorporou à dinâmica, à organicidade do Movimento de forma mais sistemática, mas Villas Bôas nos afirma que ações com características de Agitprop já eram desenvolvidas pelo Movimento desde as primeiras ocupações de terra.

do ponto de vista empírico, como uma necessidade de organização social, a gente pode considerar que a Agitação e Propaganda tá nas ações diretas que o Movimento faz desde sua origem, ocupação de terra e toda a simbologia que ele agrega pra fortalecer as ações, tanto de resistência ou despejo, quanto de ataque ao latifúndio, então já é uma forma de Agitação e Propaganda, (...) sejam as marchas também, não só as ações de ocupação de latifúndio, mas também as marchas de denúncia a criminalização, aos massacres, isso já existe faz tempo (...) de maneira consciente, a retomada teórica, a ligação, a ponte feita

com a população anterior, para além da experiência do Movimento, é uma medida que começa de maneira mais significativa em 2003, aí tem uma sequência de atividades formativas, cursos, acampamentos nacionais, processos que vão, que dão um pouco esse contorno mais organizado pra experiência, (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

Os momentos nos quais a experiência da Agitprop se destaca são as grandes atividades nacionais, ocasião onde se reúne grande parte da militância nacional do Movimento, propiciando que os acúmulos locais sejam compartilhados e que sínteses coletivas sejam alcançadas de forma mais sistemática. Nesse cenário, a Marcha Nacional a Brasília realizada em 2005 contou com uma grande e articulada ação de Agitação e Propaganda como podemos ver nesse relato presente na *Apostila de Formação da Brigada de Agitação e Propaganda do VI Congresso Nacional do MST* (2014) e também no relato feito por Rafael Villas Bôas.

Diante da necessidade de divulgar a marcha nas áreas metropolitanas das cidades de médio e grande porte por onde ela passaria, com a finalidade de massificar a recepção nas cidades, a tática da agitação e propaganda foi definida como metodologia adequada para o cumprimento da tarefa. Para isso militantes de diversos estados foram deslocados para a periferia urbana de Goiânia, Anápolis e Distrito Federal, com a responsabilidade de estabelecerem contato com as comunidades, escolas, igrejas, etc, divulgando as reivindicações da marcha e convidando a população das mencionadas cidades a participarem dos atos programados em Goiânia, Anápolis, Taguatinga e Brasília. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.19)

Villas Bôas complementa:

o momento mais forte disso é a marcha de 2005 que no qual a gente envolvido pelas demandas organizativas pré-marcha, aí claramente uma Brigada de Agitação e Propaganda foi montada pra atuar em Goiânia, Anápolis, todo o distrito federal e entorno, com 100 militantes destacados do Brasil inteiro para a tarefa, um treinamento, lá onde a gente desenvolve, sistematiza a ideia do método, em três quartos, de treinamento nosso, que é o método, teste de munição, conhecimento de artilharia inimiga e contra-ataque e aí a gente teve condições logísticas inclusive de implementar, avaliar o processo, ao longo de semanas e durante a marcha, também continuamos fazendo Agitação e Propaganda sempre com dois vieses, um interno, dentro da organização (...) pensando em acampamento, em assentamento, as ações do próprio Movimento e externo com a sociedade, trabalho de base, massificação, enfim, articulação política (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

Mesmo com mais de dez anos de desenvolvimento no MST, a Agitprop ainda é vista por alguns como a mera tarefa de panfletagem em espaços com grande fluxo de pessoas.

Nessa concepção, basta destacar militantes para a panfletagem e entre eles garantir a presença de um seletivo grupo que tenha condições de conduzir um debate em escolas, comunidades de base, etc. (...) O que fica patente nesse tipo de proposta é que há uma dissociação entre aqueles que formulam as reflexões e aqueles que as executam. (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.16)

Essa preocupação é colocada de forma clara no texto de apresentação da referida apostila lançada em 2014, nos preparativos para o VI Congresso Nacional do Movimento:

Se desperdiçarmos a oportunidade de uma ação prolongada, que nos propicie um salto organizativo nesta frente, corremos o risco de rebaixar a agitação e propaganda à condição instrumental de método de panfletagem massiva de jornais, sem trabalho de base, sem articulação campo/cidade, sem continuidade. O risco é o da dissociação das táticas de ação, da estratégia política da organização: a Brigada de Agitprop pode vir a funcionar como um ornamento em grandes ações do MST, desvinculada do processo de formação de quadros, e das trincheiras de vanguarda da luta. (...) (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2014, p.03)

Os desafios da Agitação e Propaganda no MST e suas perspectivas serão alvo de atenção mais adiante neste trabalho, mas, por hora, cabe perceber que essa preocupação com o uso apenas instrumental da Agitprop foi presente não só nos textos, mas também durante a formação e atuação da Brigada. Ficou claro que precisávamos, a partir dali, avançar numa proposta de constituição de uma Brigada de Agitação e Propaganda nacional e permanente, que não existisse apenas nos grandes eventos, mas que contribuísse para que essa prática fosse assumida e compreendida pela militância do Movimento de forma ampla.

- Necessidade de tornar o debate e a prática da agitprop algo rotineiro no interior do movimento;
 - Necessidade de se estudar mais, de manter o debate de agitprop vivo no dia a dia do movimento;
- (TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO)

2.2 Conceituação de Política Cultural

Trabalhar com conceitos como Cultura e Política Cultural é um trabalho deveras amplo, dada a grande quantidade de estudos, bibliografia e elaborações existentes. Tendo ciência disso, buscamos, então fazer um recorte que pudesse nos permitir o estudo sem incorrer em negligências conceituais. Mesmo que por vezes possamos trazer um ou outro conceito mais abrangente (a título de Estado da Arte), nossa fundamentação ocorre com teorias e abordagens de base Marxistas. Entretanto, alguns autores nos alertam da dificuldade de se realizar tal recorte.

Desde hace tiempo nos lamentamos de la falta, dentro de la tradición y análisis contemporáneo de la teoría marxista, de un soporte metodológico con el cual afrontar críticamente el problema de la cultura, del hombre, de la lucha de clases. Por lo tanto es necesario que el pensamiento marxista se empeñe en la reflexión y repensamiento crítico acerca de estas “palabras” em apariencia tan simples pero con las cuales cotidianamente nuestra práctica política se desencuentra, como cuando se elabora un análisis crítico que consiste em abarcar la actual realidad social, atribuyendo un significado estructural a todas estas determinantes sociales. (LUTZEMBERGER, BERNARDI, BALDELLI E OUTROS, 1978, p. 39)

Usualmente, quando fala-se do termo, vemos a política cultural “como programa de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas” (COELHO, 2012, p. 313). Não pretendemos abandonar ou renegar tal abordagem, contudo, aqui nos interessa falar da Cultura como modo de vida, como ações cotidianas e de Política Cultural como uma forma de Cultura Política. Pretendemos falar de

(...) la cultura de clase, o bien a su dimensión social y colectiva de base, que pretende superar la exigencia liberadora y creativa del individuo (englobada casi siempre por el sistema a través de los procesos de *reificación*, mediación, de separación: la obra de arte, el descubrimiento científico, etc.) para volverse factor de reconquista, de reapropiación y redescubrimiento colectivo de sí mismo con los otros, del modo en que se vive, se trabaja y se lucha. (LUTZEMBERGER, BERNARDI, BALDELLI E OUTROS, 1978, p. 43)

Sendo assim, a abordagem de Política Cultural que consideramos mais pertinente para este trabalho é a que foi problematizada no livro *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-americanos* (2000), que afirma que:

(...) utilizamos “política cultural” para chamar a atenção para o laço constitutivo entre cultura e política, e a redefinição de política que essa visão implica. Esse laço constitutivo significa que a cultura entendida como concepção do mundo, como conjunto de significados que integram práticas sociais, não pode ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas. Por outro lado, a compreensão da configuração dessas relações de poder não é possível sem o reconhecimento de seu caráter “cultural” ativo, na medida em que expressam, produzem e comunicam significados. Com a expressão “política cultural” nos referimos então ao processo pelo qual o cultural se torna fato político. (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 17)

Como dito anteriormente, Vladimir Ilich Lênin é considerado o expoente da sistematização e elaboração do conceito de Agitação e Propaganda, objeto de análise desse trabalho. Só que ele também deixava claro sua preocupação com a Revolução Cultural. Mesmo após o Outubro Vermelho (forma que ficou conhecido o mês em que ocorreu a Revolução Russa), ele atribuía muita importância a essa transformação na cultura, falando disso em vários momentos.

Outubro Vermelho (...) abriu um amplo caminho para a mais vasta revolução cultural, que se realiza sobre a base da revolução econômica que começou, e em constante interação com ela. Imagine-se milhões de mulheres e homens de diferentes nacionalidades e raças que se encontram em diferentes degraus de cultura; pois bem, todos eles se lançaram para frente, para uma nova vida. A tarefa que o Poder Soviético tem diante de si é grandiosa. Em alguns anos, em alguns decênios, deve pagar a dívida cultural de muitos séculos. Para o progresso cultural contribuem, além dos órgãos e instituições dos Sovietes, numerosas organizações e agrupamentos de cientistas, artistas e professores. Nossos sindicatos nas empresas e nossas cooperativas no campo realizam uma atividade cultural muito ingente. A atividade do nosso Partido vive e penetra em todos os lugares. Realiza-se muito, nossos êxitos são grandes em comparação com o que havia, porém parecem pequenos em comparação com o que está por fazer. Nossa revolução cultural acaba de começar. (LÊNIN, 1968, p. 180 e 181)

Mesmo compreendendo a Cultura como modos de vida, como o fazer cotidiano, indo muito além de manifestações artísticas, ele tinha apreço pelas artes e uma compreensão de que elas deveriam ser apropriadas pelo povo, pela classe trabalhadora. Que a classe poderia deter o poder criativo e produtivo e ter uma construção própria de arte. Nisso, percebemos muita semelhança com a postura do MST na questão, que se esforça para que os seus militantes e os seus espaços estejam sempre permeados de manifestações artísticas com a cara do camponês. Sobre a arte, então, Lênin pensava que

Mas o importante não é (...) a opinião que tenhamos da arte. Nem o que a arte dê a algumas centenas ou a alguns milhares dos habitantes do país, que são milhões. A arte pertence ao povo, e deve ter suas raízes mais profundas nas próprias entranhas das vastas massas trabalhadoras. Deve ser compreensível para essas massas e por elas amada. Deve unir os sentimentos, o pensar e a vontade das massas, e elevar estas. Deve despertar o artista nelas e desenvolvê-las. (LÊNIN, 1968, p. 177)

No livro *Cultura, Comunicación de Masas y Lucha de Clases* (1978) nos é apresentado um conceito de Cultura Alternativa, como algo intimamente ligado às lutas, aos enfrentamentos entre classes sociais. Percebemos que há interfaces entre essa forma de perceber a cultura com o que Lênin formula, assim como com a forma de o MST elaborar sua Política Cultural. Pelo texto em questão

La cultura alternativa debe ser la resultante de un encuentro, de un crecimiento dentro de la masa, que "aferra" el estímulo, el medio, a través de una común codificación que atribuya al signifiante su verdadero significado, completándolo o transformándolo en la práctica cotidiana de lucha, único terreno del que puede surgir la sustancia de la cultura alternativa. (LUTZEMBERGER, BERNARDI, BALDELLI E OUTROS, 1978, p. 49)

Na publicação *O MST e a Cultura* (2009), escrita por Ademar Bogo, temos uma sistematização do que é cultura para o Movimento e da importância que ela tem na luta dos militantes Sem Terra. Percebemos que essa luta está intimamente relacionada à cultura, uma vez que

Não podemos considerar cultura somente aquilo que está ligado com a arte. A arte é a capacidade que o ser humano tem de criar. Logo, temos capacidade de criar músicas, mas também de criarmos as lutas, as escolas, as casas, o método de fazer reuniões, as marchas etc. Isso tudo vai se transformando em cultura. (BOGO, 2009, p. 18)

Para Lênin (1968),

É preciso ter isso em conta quando falamos, por exemplo, da cultura proletária. Sem compreender com clareza que só se pode criar esta cultura proletária conhecendo com precisão a cultura criada pela humanidade em todo o seu desenvolvimento e transformando-a, sem compreender isso não poderemos cumprir esta tarefa. A cultura proletária não surge

de fonte desconhecida, não é uma invenção que se proclamam especialistas em cultura proletária. Isso é pura necedade. A cultura proletária tem de ser o desenvolvimento lógico do acervo de conhecimentos conquistados pela humanidade sob o julgo da sociedade capitalista, da sociedade latifundiária, da sociedade burocrática. Todos êsses caminhos e veredas conduziram e continuam conduzindo na direção da cultura proletária.” (LÊNIN, 1968, p. 99)

Percebemos que o campo da cultura é também um campo em disputas, um campo da política. Fica candente “la exigencia política de crear una red de instrumentos que, por una parte, premita la comunicación de las experiencias de lucha que la base está conduciendo y por otra se "oponga" a la información burguesa, la denuncie, (...)”. (LUTZEMBERGER, BERNARDI, BALDELLI E OUTROS, 1978, p. 45) Será que a Agitação e Propaganda pode ser considerada como um desses instrumentos? Essa é uma pergunta que procuraremos responder ao longo do texto, nos valendo da experiência empírica na Brigada de Agitação e Propaganda do VI Congresso Nacional do MST, em fevereiro de 2014.

2.3 Formulação sobre cultura no MST e como a Agitprop se insere nesse debate

Apesar da Agitprop usar e apresentar manifestações artísticas, pretendemos abordar aqui a cultura num sentido mais amplo, não limitando-se apenas a tais manifestações, mas sendo compreendida como ações do dia a dia, como modo de vida e uma nova cultura política engendrada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. “Por política cultural entende-se aqui não apenas o conjunto de ações sistematizadas em planos e implementadas por instituições públicas e privadas voltadas à cultura (...), mas, em sentido mais amplo (...)”. (BARBALHO, 2012, p. 02)

Ana Chã, membro do Setorial Nacional de Cultura do MST, atesta tal percepção e enfatiza a importância da cultura para o Movimento quando afirma que a cultura “(...) está, praticamente, em todos os momentos da vida do MST, desde a reunião de um acampamento, de um assentamento, até uma reunião mais geral, de militantes, de dirigentes (...)” (ENTREVISTA CONCEDIDA A ALEXANDRE ALMEIDA BARBALHO EM 21 OUT 2011). Ademar Bogo (2009), por sua vez, referenda esse ponto de vista quando nos diz que:

(...) temos uma falsa idéia ao identificarmos a questão da cultura apenas como atividades artísticas em nossa sociedade, relacionadas com nossa tradição musical, do teatro e da pintura. Na verdade, a questão da cultura é muito mais abrangente, está relacionada com todas as nossas atividades do cotidiano; são, enfim, nossos hábitos, nossos costumes, nossas tradições, nossas inovações. Está relacionada com toda a nossa vida.
 (...) a reflexão da cultura está relacionada também à prática de nossos valores como indivíduos comprometidos com o bem-estar social de todos, comprometidos com os princípios da justiça, da igualdade e do bem comum e relacionada com os valores sociais, coletivos, que nosso Movimento defende, que precisa estimular e divulgar em todas as partes da sociedade. (BOGO, 2009, p. 07 e 08)

No MST, assim como a Agitação e Propaganda, a Cultura sempre foi algo presente e percebido

e, só depois de um tempo foi que o Movimento parou para refletir e sistematizar as reflexões a respeito. Foi “no final dos anos 90 foi quando o Movimento achou que tinha que parar pra estudar isso, assim, o que era cultura, o que é que cultura tinha a ver com MST, como é que a gente fazia essa cultura, então em 98 foi realizado um primeiro seminário que se chamava o MST e a Cultura” (ENTREVISTA CONCEDIDA A ALEXANDRE ALMEIDA BARBALHO EM 21 OUT 2011). Em 2005 esse olhar para a Cultura adquire maior centralidade e maior importância para o Movimento, quando o Coletivo de Cultura organiza o seminário “Arte e Cultura na Formação”. Esse evento teve grande importância para a militância mais ligada à cultura e também para as discussões que se iniciavam sobre Agitação e Propaganda. Nas entrevistas que realizamos percebemos isso nas falas de três militantes, de onde também podemos perceber um pouco o que foi o Seminário. Segundo Felipe Canova,

o seminário de cultura, que teve na Escola Florestan Fernandes em 2005, foi um seminário que eu participei, ali teve um começo de sistematização de experiências que já iam ocorrendo em vario lugares, como na Brigada Patativa do Assaré de Teatro, (...) O trabalho na frente de música que sempre teve produção, as articulações (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

Villas Bôas por sua vez, coloca já as percepções de intersecção entre Cultura e Agitprop:

em 2005 a cultura fez um seminário chamado Arte e Cultura na formação, com 100 pessoas da comunicação e cultura como formação, frente de massa, saúde, na escola nacional Florestan Fernandes e lá um dos saldos (...) primeiro que a cultura deveria dar a vanguarda das ações, na estratégia da organização, não só na retaguarda, que portanto ela deveria assumir uma perspectiva de combate e que a gente deveria parar de se vitimizar e ficar entre essa perspectiva meio produção cultural, meio ação de Agitação e Propaganda e também uma perspectiva de fusão das linguagens artísticas, (ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR EM FEVEREIRO DE 2014)

E Ana Chã atesta a importância do evento do ponto de vista de formulação pro Movimento quando diz:

em 2005, só pra continuar aquela trajetória da formação, a gente fez um grande seminário novamente de 17 dias, já na escola nacional, (...) pra discutir as questões gerais da cultura, então chamamos muita gente, conseguimos ter quase 100 pessoas participando, a gente considera que foi um marco também assim no coletivo do ponto de vista de se perceber, os seus limites, suas potencialidades, (ENTREVISTA CONCEDIDA A ALEXANDRE ALMEIDA BARBALHO EM 21 OUT 2011)

No que tange à Agitação e Propaganda a relação da cultura vivida no cotidiano também é notada e afirmada pelo próprio Movimento na cartilha lançada em 2007 quando fala sobre os valores que um agitador e propagandista deve cultivar, devendo ir além do uso da técnica, dizendo que

Um agitador propagandista é norteado por valores que o tornam diferente no meio da massa. A agitação e propaganda deve ser parte da vida do militante. Os valores fazem parte da natureza de sustentação do trabalho de agitação e propaganda. Apenas a técnica da agitação e propaganda não permite que alcancemos a transformação social. (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESSINA, 2007, p.24)

Dialogando com essa perspectiva de Cultura no MST vale a pena enfatizar a formulação do pesquisador Alexandre Barbalho (2012) sobre a presença da Política Cultural no Movimento, vislumbrando-a para além de manifestações artísticas, mas sim como o campo de disputas simbólicas, se inserindo assim nas disputas políticas e se colocando como uma nova cultura política.

A percepção que a dimensão simbólica está presente não apenas nas linguagens artísticas, mas em todas as dimensões dos fazeres diários, nos autoriza afirmar que o MST tem sim uma política cultural elaborada. A disputa no campo cultural é vista como estratégica para o Movimento, como “arena política” e para a “redefinição de política que essa visão implica”. Isso significa enfrentar as relações de poder que constituem as práticas culturais, bem como compreender o componente cultural de toda ação política. (BARBALHO, 2012, p. 08)

Nos parece pertinente então, afirmar a existência de uma Política Cultural nos “Sem Terra” extrapolando os limites dos domínios das técnicas artísticas e se inserindo como elemento fundamental da política do Movimento, na disputa pela transformação social e mudanças estruturais na condição de vida da sociedade brasileira.

Em suas lutas contínuas contra os projetos dominantes de construção da nação, desenvolvimento e repressão, os atores populares mobilizam-se coletivamente com base em conjuntos muito diferentes de significados e objetivos. Dessa forma, as identidades e estratégias coletivas de todos os movimentos sociais estão inevitavelmente vinculados à cultura (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p. 23)

Essa visão também é afirmada pelo Movimento na publicação *Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social* (2007): “Nosso trabalho de agitação e propaganda parte do propósito de mudar a cultura de participação na vida política brasileira. Pois um povo só é sujeito e arquiteto da própria história quando ajuda a tomar as grandes decisões que dizem respeito ao futuro das próximas gerações.” (COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESSINA, 2007, p.23)

3 AGITPROP NO VI CONGRESSO NACIONAL DO MST

3.1 Debate metodológico e inserção no campo de pesquisa

Um das preocupações que me acompanhou por mais tempo no desenvolver dessa pesquisa foi sobre com quais métodos cercaria a pesquisa e como adotá-los, adaptá-los ao meu contexto. Essa preocupação existia principalmente por conta do entendimento de que as escolhas no que se referem à metodologia ditariam o ritmo e os caminhos de minha pesquisa de campo, sendo assim, essencial que essas escolhas pudessem municiar da melhor forma possível nossa ida ao campo.

Além de ser uma disciplina que estuda os métodos, a metodologia é também considerada como modo de conduzir a pesquisa. Neste sentido, a metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tomar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados. O estudo da metodologia auxilia o pesquisador na aquisição desta capacidade. Associado à prática da pesquisa, o estudo da metodologia exerce uma importante função de ordem pedagógica, isto é, a formação de estado de espírito e dos hábitos correspondentes ao ideal da pesquisa científica. (THIOLLENT, 1996, p.25)

Existia uma necessidade de que os métodos de pesquisa adotados fossem coerentes com a trajetória seguida até então e com o diálogo já existente com o Movimento. Queria ser o menos “observador neutro” possível e precisava criar uma relação de construção coletiva com o MST no desenvolvimento da pesquisa. Precisaria me esforçar ao máximo para que o estudo fosse compreendido e apropriado pelos militantes Sem Terra, e não apenas fruto de minhas necessidades acadêmicas. Pretendia que o contato que existiu durante a construção do projeto e durante meu caminhar como pesquisador e como militante existisse também na pesquisa que se iniciava. Por conta de tais preocupações optamos por nos valer de métodos de caráter etnográficos, como a Pesquisa Participante e a Pesquisa-ação para conduzir o trabalho. Isso porque “(...) as propostas de pesquisa-ação sempre apresentam algum aspecto político quanto ao tipo de comprometimento dos pesquisadores com a ação de grupos sociais, dentro de uma situação em transformação.” (THIOLLENT, 1996, p.90 e 91)

A opção por trabalhar com tais métodos se deu porque, na nossa concepção, eles permitiriam que o envolvimento pesquisador-objeto preexistente pudesse ser assumido e pudesse contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Importante ressaltar que mesmo partindo de um mesmo local de análise (a etnografia e a participação), os dois métodos não são sinônimos e muito menos idênticos. Michel Thiollent (2006), no livro: *Metodologia da Pesquisa-ação* alerta para as diferenciações entre os dois métodos e busca demarcar a principal distinção da Pesquisa-ação em relação à Pesquisa Participante:

As expressões “pesquisa participante” e “pesquisa-ação” são frequentemente dadas como sinônimas. A nosso ver, não o são, porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante. Seja como for, consideramos que pesquisa-ação e pesquisa participante procedem de uma mesma busca de alternativas ao padrão de pesquisa convencional.” (THIOLLENT, 1996, p.07)

Em outro trecho do mesmo livro ele aprofunda as distinções que percebe nos dois métodos quando sentenciar:

Ao nível das definições, uma questão frequentemente discutida é a de saber se existe uma diferença entre pesquisa-ação e pesquisa participante (Thiollent, 1984 a: 82-103). Isto é uma questão de terminologia acerca da qual não há unanimidade. Nossa posição consiste em dizer que toda pesquisa-ação é do tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, tudo o que é chamado pesquisa participante não é pesquisa-ação. Isso porque pesquisa participante é, em alguns casos, um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. Nesse caso, a participação é sobretudo participação dos pesquisadores e consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado. (THIOLLENT, 1996, p.14 e 15)

Levando em consideração essas diferenças propostas, vamos utilizar o termo Pesquisa Participante para identificar esta pesquisa, uma vez que a participação que nela ocorreu foi muito mais por parte do pesquisador que dos sujeitos pesquisados. Por mais que nossa compreensão caminhe no entendimento que em alguma medida ocorreu participação dos sujeitos na pesquisa em si, achamos arriscado falar em Pesquisa-ação sem termos a clareza de estarmos atendendo a todas as condicionantes de tal método. Contudo, como teoricamente a aproximação da metodologia defendida por Thiollent (1996) com nosso estudo empírico existe, levaremos em consideração sua formulação. Apenas não denominaremos nosso trabalho de Pesquisa-ação, denominaremos de Pesquisa Participante.

No livro: *Pesquisa Participante*, organizado por Carlos Rodrigues Brandão (2006) encontramos também suporte teórico para nossa escolha de metodologia de pesquisa uma vez que acreditamos que

Nenhum conhecimento é neutro e nenhuma pesquisa serve teoricamente “a todos” dentro de mundos sociais concretamente desiguais. (...) A *participação* não envolve uma atitude do cientista para conhecer melhor a cultura que pesquisa. Ela determina um compromisso que subordina o próprio projeto científico de pesquisa ao projeto político dos grupos populares cuja situação de classe, cultura ou história se quer conhecer porque se quer agir. (BRANDÃO, 2006, p.11 e 12)

Dessa forma, nossa pesquisa foi referenciada teórico-metodologicamente por Carlos Rodrigues

Brandão (2006) e Michel Thiollent (1996) principalmente, mas também buscamos outros autores que nos subsidiassem em métodos mais pontuais de pesquisa como a pesquisa bibliográfica e as entrevistas, e como tratado no primeiro capítulo desse texto.

Como dito anteriormente, tal pesquisa surgiu do contato com o curso de Jornalismo para Assentados e Assentadas da Reforma Agrária (Jornalismo da Terra) que ocorreu na Universidade Federal do Ceará (UFC). Desde a elaboração do projeto, até o momento de planejar a pesquisa de campo, o contato com os educandos e com os/as demais militantes do Movimento envolvidos nesse curso existiu e foi essencial para ir formatando a pesquisa. A turma de Jornalismo da Terra colou grau em dezembro de 2013 e em fevereiro de 2014 ocorreu o Congresso Nacional do MST. Foram meses de contato com alguns militantes que fizeram parte da turma para acompanhar a definição da data do Congresso e o período de constituição da Brigada Nacional de Agitação e Propaganda, para que pudesse viabilizar minha participação na condição de pesquisador. Datas definidas, contato feito e possibilidade de participação concretizada, me restou comprar as passagens e organizar minha viagem, ainda com uma série de incertezas na bagagem.

Antes do começo do Congresso, que ocorreu em Brasília, ocorreu a preparação de alguns coletivos de militantes que atuariam durante o evento com algumas funções específicas. Essa formação ocorreu com o Coletivo de Comunicação, com a Brigada de Audiovisual e com a Brigada de Agitação e Propaganda no período de dez dias de antecedência do início do VI Congresso Nacional do MST. Por conta da demora na definição das datas da formação da Brigada de Agitprop (ou pelo menos da demora em me comunicarem das datas) não consegui comprar passagens para o período certo e perdi o primeiro dia de formação da Brigada, que se iniciou no dia 01 de fevereiro de 2014.

Meu contato mais próximo e constante ocorria com uma jornalista formada pelo curso de Jornalismo da Terra, residente em Brasília e que atuava junto à Secretaria Nacional do Movimento, na Capital Federal. Ela me avisou das datas e mediou os diálogos para minha participação na Brigada de Agitprop. Foi para a casa dela que me dirigi ao chegar em Brasília, na noite do dia 01/02 e, na manhã do dia 02/02, nos dirigimos até o alojamento onde estava ocorrendo a preparação para o Congresso, local onde ficaria nos próximos dias. Nesses primeiros momentos da manhã fui (re)apresentado ao Prof. Rafael Villas Bôas (tive oportunidade de conhecê-lo em Fortaleza, em 2009), coordenador das atividades de Agitprop e colaborador do MST no Distrito Federal. Ele foi o responsável, a partir daí, por me apresentar aos demais integrantes e dirigentes do Movimento que já se encontravam em Brasília. Sobre esse processo de inserção no meio onde a pesquisa se desenvolveria e sobre essa busca de aproximação efetiva com a Brigada de Agitprop, Brandão (2006) diz:

A inserção é o processo pelo qual o pesquisador procura atenuar a distância que o separa do grupo social com quem pretende trabalhar. Esta aproximação, que sempre exige paciência e honestidade, é a condição inicial necessária para que o percurso de pesquisa possa, de fato, ser realizado de dentro do grupo, com a participação de seus membros enquanto protagonistas e não simples objetos. (BRANDÃO, 2006, p.27)

O primeiro momento de “desconforto” e de “teste” por qual passei foi logo na minha primeira manhã com a Brigada, quando, na rodada de apresentação precisei dizer que estava ali para desenvolver uma pesquisa de mestrado sobre a agitação e propaganda do MST durante o VI Congresso Nacional do Movimento. Esse momento está assim descrito no Diário de Campo:

Nesse momento foi pedido para que eu me apresentasse, pois cheguei um dia após o início das atividades do grupo. Rafael pediu que eu falasse também sobre minha pesquisa, pois na apresentação eu falei disso de forma bem genérica, com receio de que portas se fechassem ao saberem que eu era um pesquisador. Queria que a imagem que preponderasse era a de que sou um militante, apoiador do Movimento e que, a veia de pesquisador e da pesquisa, viesse surgir aos poucos, durante o processo. (DIÁRIO DE CAMPO)

Nesse momento ficou evidente minha insegurança e ingenuidade como pesquisador, pois tive receio de assumir a condição de pesquisador de forma totalmente aberta e clara, desde o início. Essa foi uma questão que precisei superar logo no início da Pesquisa Empírica, mas que avalio que foi apenas um receio inicial, que foi superado logo e que, aos poucos, consegui construir uma relação relativamente harmônica na condição de integrante da Brigada de Agitprop e de pesquisador.

É, sem dúvida, necessário que o pesquisador não seja visto como um intruso, ou um corpo estranho, o que desperta, de imediato, a desconfiança e a reticência de gente que tem toda uma experiência penosa de ser manipulada de fora para dentro. O pesquisador deve esforçar-se para ir sendo, pouco a pouco, aceito pelo grupo. Mas ele precisa ser aceito como realmente é, ou seja, como alguém que vem de fora, que se dispõe a realizar, com o grupo, um estudo que pode lhe ser útil, mas que, num determinado momento, irá embora. (BRANDÃO, 2006, p.27)

Já vinha me preparando para a delicadeza da situação, pois compreendia como é estranho para um grupo de pessoas saber que existia uma delas que está ali para “pesquisá-las”, mas mesmo com toda preparação que pudesse ter, não teria como evitar tal momento. Me apresentei, expliquei minimamente a pesquisa e esperei os olhares de avaliação ou as perguntas reticentes, mas o que escutei foi um inesperado silêncio, tão inquiridor quanto qualquer pergunta. Bem, mas tinha a confiança de alguns dirigentes e a indicação por parte de outros. Me restava, naquele momento, adquirir a confiança dos/as membros daquele coletivo e me integrar da melhor forma possível para poder fazer parte do grupo, mesmo na condição de pesquisador. Sobre isso Thiollent (1996) já alertava ao dizer que “(...) a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo. Os problemas de aceitação dos pesquisadores no meio pesquisado têm que ser resolvidos no decurso da pesquisa.” (THIOLLENT,

1996, p.15)

Aos poucos o desconforto foi deixando de existir e a integração ao grupo foi ocorrendo de forma muito natural e harmônica. Contou para isso, também, o fato de estar alojado no quarto com meus amigos da turma de Jornalismo da Terra, que por mais que estivessem envoltos com outras tarefas me passavam segurança e me ajudaram nos momentos iniciais de pertença com aquele grupo, tanto me ajudando, como me apresentando aos demais militantes que eu ainda não conhecia.

Viajei preparado para voltar com a maior quantidade possível de material que servisse à minha pesquisa, fossem fotos, vídeos, documentos, entrevistas, etc. Estava, então, munido de 03 câmeras fotográficas-filmadoras, gravador de áudio, HD externo, computador, pilhas recarregáveis, cartões de memória. O que pensava naquele momento, era até onde eu poderia registrar, até onde poderia ir e como construir esses acordos com o coletivo. Falei sobre a existência dos equipamentos e sobre minha disposição de registrar o que o grupo achasse necessário, podendo usar esse material em minha pesquisa, como podendo apenas registrar, organizar e devolver ao grupo. “(...) podemos considerar que, no desenvolvimento da pesquisa-ação, os pesquisadores recorrem a métodos e técnicas de grupos para lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação e também técnicas de registro, de processamento e de exposição de resultados.” (THIOLLENT, 1996, p.26). Deixei essas questões em aberto, me permitindo acatar a decisão do coletivo ali presente. Por conta disso entrei na equipe de registro da Brigada e contei com toda a confiança do pessoal para centralizar os registros realizados por todos e para usá-los também na minha pesquisa. Acho que ali foi o primeiro sinal mais concreto que tive de que existia abertura para o desenvolver da pesquisa da forma que mais me agradava e que era minha intenção, com participação de ambas as partes e de forma dialogada, construída no dia a dia.

Naquele momento a Brigada era constituída por cerca de 30 pessoas, em sua maioria jovens, oriundos de vários estados do Brasil, mas sobretudo do Paraná e do Distrito Federal. Com o passar dos dias e até o início do Congresso esse número de participantes aumentou e se alterou também, com a saída de alguns que estavam desde o início, para assumirem outras funções, e com a chegada de outros que foram se somando no decorrer do processo.

3.2 Formação da Brigada e ações executadas por ela

As atividades de formação da Brigada ocorreram do dia 01 de fevereiro até o dia 09 de fevereiro, véspera do evento. Durante esses dias ocorreu um nivelamento das experiências e conhecimentos acerca da Agitação e Propaganda, com uma formação teórica conduzida por Rafael Villas Bôas, principalmente, que tanto fez um resgate histórico sobre a Agitprop, quanto relatou experiências anteriores protagonizadas pelo MST. Essas atividades de formação também contaram com a participação do Coletivo de Comunicação, que fez um exercício de estudo do Jornal Sem

Terra (Edição Especial para o Congresso), que seria panfletado por nós da Brigada durante os dias que antecediam o evento. Juntando a essa parte histórica e contextual da Agitprop, à parte de estudo do jornal, tivemos um momento de formação jurídica, com a presença de uma advogada pertencente à Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares (RENAP), que nos explicou sobre as formas que o Estado utiliza para autuar os Movimentos Sociais e também nos explicou sobre os limites jurídicos que teríamos que ter em mente quando do planejamento de nossas ações.

Com toda essa formação recebida, e em paralelo a ela, passamos os dias elaborando e pensando intervenções que pudessem ocorrer em Brasília e em algumas cidades satélites para “preparar o terreno” para o início do Congresso, que contaria com cerca de 15 mil pessoas. Dividimos nossas ações em dois tipos: as ações estáticas, que se constituíam na fixação de cartazes, de faixas, de lambes-lambes pela cidade com frases que remetessem à valorização da Agricultura Familiar, assim como criticasse o uso dos Agrotóxicos e também anunciasse o VI Congresso Nacional do MST, que estava para se iniciar; e ações dinâmicas, que consistiam em performances com palhaços (clowns) que simulavam a luta dos camponeses pela terra, sempre enfrentando o agronegócio, a mídia, o poder judiciário e a polícia. A essa ação performática juntava-se a panfletagem do Jornal Sem Terra que ocorria no intervalo das apresentações e durante as próprias. Essas ações dinâmicas ocorreram na Rodoviária do Plano Piloto e em feiras das cidades satélites, sempre em horários de fluxo intenso de pessoas, onde pudéssemos panfletar muitos jornais e levar a mensagem a várias pessoas simultaneamente. Esses dois tipos de ações eram executadas diariamente, do dia 06 de fevereiro até o dia 10 de fevereiro, mas, além dessas, outras atividades foram elaboradas pela Brigada, que foram: Uma intervenção teatral no Congresso Nacional, durante a cerimônia de lançamento do Congresso do MST, uma ação dos palhaços junto às crianças do Movimento (os sem-terrinha), que na época estavam com a pauta do não fechamento das escolas do campo e realizaram uma ação na sede do Ministério da Educação (MEC), e ações durante a Marcha do Congresso, que ocorreu saindo do Estádio Mané Garrincha até a Praça dos Três Poderes, no dia 12 de fevereiro.

Para dar conta de todas essas atividades no curto espaço de tempo que tínhamos, a Brigada tinha uma divisão interna de equipes de trabalho que eram: Equipe de Criação (responsável pela criação das intervenções teatrais e também pelo conteúdo das frases que estariam pintadas nas faixas, cartazes e demais recursos visuais que tivéssemos à disposição), Equipe de Produção de Materiais (responsável por confeccionar as faixas, os cartazes, os instrumentos musicais, o figurino dos palhaços e tudo mais que fosse necessário para viabilizar nossas intervenções), Equipe de Articulação Política (responsável pelo contato direto com a direção do Movimento e por traçar as táticas de ação que seriam desenvolvidas pela Brigada), Equipe de Logística (responsável por pensar e garantir a compra de materiais, deslocamento, e toda a infraestrutura necessária pro bom desempenho das atividades do grupo) e Equipe de Registro (responsável por filmar, fotografar e

escrever sobre tudo que a Brigada fizesse, a fim de termos uma documentação que subsidiasse a evolução da Brigada e as discussões em torno da Agitprop, mesmo após o Congresso (essa equipe era a que eu fazia parte). Cada equipe dessas tinha uma coordenação, que, juntas, formavam a coordenação da Brigada.

As ações estáticas se constituíam em intervenções urbanas pela cidade de Brasília, com fixação de faixas, basicamente. Durante os dias de formação foi debatido e acumulado programaticamente os conteúdos que pretendíamos passar nas faixas, pensando, inclusive, na linguagem específica para esse meio (frases curtas, de fácil leitura e assimilação). Definido esse conteúdo, a Equipe de Criação ficava responsável de pensar nas frases, que sempre eram colocadas para toda a Brigada, que decidia quais seriam utilizadas e a melhor forma de utilizá-las. Com essas decisões tomadas, a Equipe de Produção de Materiais confeccionava as faixas e nós íamos reconhecer o espaço, mapeando os possíveis locais de fixação das mesmas e decidindo quais pontos mais estratégicos. O momento de colocar as faixas geralmente era à noite, por conta do menor fluxo de pessoas e veículos na cidade, mas também porque era reduzida a possibilidade de nosso material ser arrancado assim que fosse colocado. Dessa forma, pretendíamos que a cada manhã Brasília acordasse com novas faixas anunciando o Congresso e divulgando as pautas do movimento. A nossa organização para efetuar a fixação das faixas ocorria da seguinte forma:

- Organização da ação de intervenção urbana da noite;
 - Reconhecimento do espaço e colocação de faixas na cidade;
 - Detecta-se a necessidade de complementar as informações contidas nos stênceis, pois ainda não estavam prontos;
 - A ideia é de gravar a realização das intervenções e passar para o restante da Brigada no começo da tarde de amanhã;
 - (...)
 - A saída dos carros para a colocação das faixas deve ocorrer de forma alternada, a cada 10min;
 - É preciso ter atenção e manter certa distância entre os veículos;
 - 1 carro levará as faixas e outros 2 farão rondas em perímetros maiores;
 - Contaremos com rádios para comunicação entre os carros, mas devemos ter muito cuidado com seu uso, não citando nomes de ninguém e procurando, ao máximo, falar em códigos;
- (DIÁRIO DE CAMPO)



A primeira ação que a Brigada conseguiu desenvolver foi a panfletagem dos Jornais Sem Terra. Tivemos uma formação com um ator (também membro da Brigada), chamado Révero Ribeiro, sobre a técnica dos “clowns” e, a partir dela, criamos nossos personagens e montamos um exército de palhaços ou “agitclowns”. Com o advento dos palhaços, foi criada uma performance que simulava a luta dos camponeses pela terra, enfrentando quatro pilares estruturantes que emperravam a Reforma Agrária. A execução da ação se constituía em ir para espaços de grande fluxo de pessoas (geralmente a rodoviária do Plano Piloto) e realizar a performance algumas vezes, enquanto outras pessoas distribuíam o Jornal e conversavam com a população sobre o Agronegócio, uso de agrotóxicos, sobre Agricultura Familiar e divulgando a Feira Nacional da Reforma Agrária, que ocorreria durante o VI Congresso Nacional do MST. A intervenção foi assim elaborada:

- A intervenção se constituirá numa encenação móvel onde existirá uma cerca de elásticos sustentada por 04 pilares humanos: MÍDIA, JUIZ(A), AGRONEGÓCIO, POLÍCIA
- Ocorrerá uma apresentação desses opressores e para isso se fará o uso de uma caixa de som
- Um exército de palhaços (clowns) vai para o enfrentamento aos opressores, tentando furar o bloqueio da cerca e adentrar o “terreno”

- Os palhaços estarão caracterizados quase que como camponeses; (DIÁRIO DE CAMPO)





Aproveitando a existência dos palhaços, a Direção Nacional do Movimento solicitou à Brigada que participasse de uma atividade dos Sem-Terrinha (as crianças do MST). Na época o Movimento estava passando pelo fechamento de escolas do campo e a ação em questão era justamente no Ministério da Educação (MEC), com o intuito de exigir o não-fechamento das escolas. A Brigada de Agitprop, dessa forma, esteve com as crianças na preparação, pintando algumas e ensinando músicas parodiadas para compor o protesto. Durante o ato em si, o brigada ficou responsável de conduzir o cortejo, usando os personagens para isso, e também de efetuar o registro fotográfico e audiovisual. O ato culminou com uma ocupação do Ministério.

Durante a Marcha Nacional do Congresso a Brigada assumiu um papel e funções importantíssimas, realizando uma ação na Embaixada dos Estados Unidos e outra na Praça dos Três Poderes. Durante a caminhada o nosso grupo se localizou na primeira ala, mas sem caracterização alguma, marchando como todos os demais, mas levávamos nossa batucada e alguns(mas) estavam caracterizados de palhaço e outros/as carregavam em suas mochilas materiais que viabilizariam a execução das ações programadas. E tínhamos acertados alguns códigos e sinais que nos serviriam na condução das ações.

Ao passar pela Embaixada dos Estados Unidos um grupo pequeno que ia mais adiante chamou atenção dos policiais que faziam a guarda do espaço e foi a deixa para que membros da Brigada que

portavam pirulitos (nota de rodapé explicando o que são) foram para a calçada e bloquearam as câmeras de vigilância com eles, para que os militantes que faziam a ação direta não fossem identificados. Com as câmeras cobertas, o pessoal que carregava cartazes de lambe-lambe enrolados correram para o muro junto com outro grupo que tinha cola dentro de garrafas pet e afixaram lambe-lambes que criticavam o Imperialismo Norte-americano. A organização da ação de colagem deu-se com a divisão em algumas duplas (um com o cartaz e outro com a cola) que viabilizaram que boa parte do muro tivesse colagem, num curto espaço de tempo. A ação toda durou cerca de 3min, sem precisarmos ser retirados pela polícia. O cortejo continuou seguindo enquanto desempenhávamos a ação, como se nada tivesse ocorrendo e, após a colagem retornamos para o cortejo na ala que estivesse passando no momento. Para viabilizar essa saída e esse retorno do cortejo sem prejuízo da Marcha e sem deixar os militantes “desprotegidos” no muro é que a tática adotada foi a de que começássemos a Marcha compondo a primeira ala.





Chegando à Praça dos Três Poderes a Marcha se dividia em três: uma ia para a frente do STF, outra ia para a frente do Palácio do Planalto e outra iria para o gramado do Congresso Nacional. Da mesma forma, a Brigada de Agitprop faria essa divisão, pois tinha intervenções planejadas para as três frentes. Tínhamos faixas preparadas para serem colocadas nas fachadas do STF e do Palácio do Planalto, assim como no gramado do Congresso Nacional:

STF:

- “1600 camponeses assassinados: Cadê a justiça?” (15m de comprimento) (lona preta, letras brancas;

- “STF refêem da Globo” (06m)

- “Cadê o julgamento dos tucanos?” (06m)

(...)

CONGRESSO:

- “Exigimos uma Reforma Política”

- “Por uma Assembleia Constituinte Soberana e Exclusiva”

(...)

PLANALTO

- Uso de 20 tonéis;

- Colocá-los na calçada do Palácio;

- Nos tonéis terão símbolos de transgênicos, de veneno e os logotipos das multinacionais;

- “Dilma, cadê a Reforma Agrária?” (12m)

- “Dilma, se Liberte do Agronegócio” (12m)

- “Todo Apoio aos Povos Indígenas” (07m)

- “Dilma, Legalize os Quilombos” (07m)

- “Agricultura Familiar Alimenta o Brasil” (07m)

(DIÁRIO DE CAMPO)

Para o Palácio do Planalto ainda tínhamos tonéis com símbolos de veneno e os logotipos de algumas multinacionais produtoras de alimentos transgênicos, que seriam colocadas junto às faixas. A ação em cada frente dessas ocorreria simultaneamente e foi aí que ocorreu um conflito com as forças de segurança. Existiam grades de isolamento impedindo nossa chegada a cada umas das “casas”, que logo foram derrubadas pelos militantes do Movimento. As forças de segurança (em pequeno número) fizeram uso de armas menos letais como spray de pimenta, teaser, bombas de efeito moral e a Praça dos Três Poderes virou cenário para um conflito que durou alguns minutos entre o Movimento e a polícia, por conta da intervenção da Brigada de Agitprop que foi barrada antes mesmo de ser executada.

Tendo a compreensão que as atividades de Agitação e Propaganda tem um apelo extremamente visual, decidimos que uma forma de poder ter material de análise para a pesquisa seria o registro fotográfico e audiovisual. E, principalmente pelo caráter participante de nossa pesquisa, precisávamos nos municiar de formas que permitissem uma posterior análise da Pesquisa que não dependesse apenas da memória. Precisávamos ter como analisar a Brigada posteriormente ao vivido e apostamos que o uso de imagens seria uma boa maneira. Assim, estava preparado com mais de um equipamento para fazer esse registro em fotos e em vídeos, mas também em áudio, pensando em coletar o máximo de material possível e, depois filtrá-lo. Por sorte, estar com esse equipamento e ter

um pequeno domínio de técnica de manuseio dele, me condicionou a compor a Equipe de Registro da Brigada, num diálogo bem pertinente entre minhas necessidades de pesquisa e minha participação no grupo pesquisado. Fazer parte da equipe de registro também me propiciou ter acesso ao registro realizado por outras pessoas da equipe, o que fez com que tivesse acesso a um vasto acervo de fotos e vídeos de todo o processo de constituição e atuação da Brigada Nacional de Agitação e Propaganda.

Outra forma de coleta de material para análise foi o uso de entrevistas com os membros da Brigada e com dirigentes do MST que tem ou tiveram ligação com a Agitação e Propaganda. Inicialmente tínhamos planejado entrevistar várias pessoas desses dois grupos, de forma mais demorada e em caráter livre, semi-estruturado, buscando um diálogo mais aberto que permitisse abordar algumas questões, como o início das formulações de Agitprop pelo MST, um resgate histórico dessas elaborações, as interfaces da Agitação e Propaganda com a Comunicação e com a Cultura, e perceber o nível de engajamento, de participação que ela propiciava aos militantes.

(...) a técnica da entrevista livre, concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc. Sem dúvida, a entrevista livre, para não partir em todas as direções, deve ter um fio condutor, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado. Porém, dentro desse campo temático, tudo é pertinente, nada é desprezível. Muitas vezes, não é unicamente aquilo que é dito explicitamente que é significativo. A maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa. Frequentemente, é nessas dobras do discurso que se esconde a ambiguidade, e a contradição entre o pensar e o agir que importa captar e desvelar. Os fragmentos de discurso, o “não dito” e o “mal dito” - por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais - são tão ou mais importantes quanto as respostas superficiais. (BRANDÃO, 2006, p.29 e 30)

Contudo, esse planejamento inicial precisou ser readequado, pois a dinâmica de funcionamento das coisas durante esses dias foi muito intensa e pouco previsível. Tive dificuldade de entrevistar os dirigentes, pois esses sempre estavam envolvidos em reuniões ou atividades diversas e também, as atribuições que adquiri na Brigada me deixaram com tempo reduzido para garimpar essas entrevistas em profundidade. Acabou que os tempos não se encontravam e não permitiu que as conversas ocorressem como pretendíamos. Diante desse impasse, a solução encontrada foi coletar pequenos depoimentos com alguns membros da Brigada nos pequenos intervalos que tínhamos e escolher alguns dirigentes para realizar as entrevistas. Com Miguel Stédile e Rafael Villas Bôas foi preciso marcar um dia após o Congresso, quando ainda me encontrava em Brasília e quando teríamos tempo para ter a conversa mais demorada que a pesquisa exigia.

3.3 Avaliando nossa atuação e apontando perspectivas

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-americanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

BARBALHO, Alexandre. *Movimentos sociais, territórios interculturais e direitos: Pensando a partir do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra*. XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de La Comunicación, Montevideo, 2012. *Anais...* Montevideo: ALAIC, 2012.

_____. “Colocar as coisas em outra ordem”: *Relações entre cultura e desenvolvimento no MST*. IV Encontro Nacional da Ulepicc, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: Acesso em:

BECHARA, Cássia. *Agitação e Propaganda Leninista: Teoria e Ação Política*. São Paulo: ENFF, trabalho de conclusão do curso de Comunicação, Cultura, Agitação e Propaganda, 2008.

BOGO, Ademar. *O MST e a Cultura*. São Paulo-SP: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2009.

BORGES, Rayssa Aguiar. *CPC da UNE: para além de reducionismos e preconceitos*. Brasília: UNB, 2010 (Dissertação de Mestrado).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e Imaginário*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE DA VIA CAMPESINA. *Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social*. São Paulo: Maxprint Editora e Gráfica Ltda, 2007.

COSTA, Iná Camargo. *Teatro de Rua em Movimento 1*. São Paulo: Tablado de Arruar, 2004.

_____. *A hora do teatro épico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Palestra sobre o ensaio O Autor como produtor. In *Ensaio Sobre Arte e Cultura na Formação*. São Paulo: Anca, 2006.

DOMENACH, Jean-Marie. *A Propaganda Política*. Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001. eBook disponível em: www.ebooksbrasil.com.

DOWNING, John D. H. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e Movimentos sociais*. 2ª Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais – paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

LENIN, Vladimir. I. *Que fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento*. Tradução Marcelo Braz, 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. *Cultura e Revolução Cultural*. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira S.A.

LUTZEMBERGER, BERNARDI, BALDELLI y outros. *Cultura, Comunicación de Masas y Lucha de Clases*. Sacramento, México: Editorial Nueva Imagen, 1978.

MACNEE, Malcolm. Tradicionalidade, Direitos Humanos e sem-Terridade: Narrativas Escritas e Visuais no MST. *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: Letras e Direitos Humanos, nº 33, p. 105-121, 2007.

Movimento DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Apostila de Formação da Brigada de Agitação e Propaganda do VI Congresso Nacional do MST*. 2014

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VILLAS BÔAS, Rafael Litvin. *Teatro político e a questão agrária 1955-1965: contradições, avanços e impasses de um momento decisivo*. Brasília: UNB, 2009 (Tese de Doutorado).

_____. *Agitprop e MST: Considerações sobre a práxis da agitação e propaganda*. 2005 (mimeo).

_____. *Embates e “aberturas” : um estudo sobre a presença do popular na cena e na tela brasileiras*. Brasília: UNB, 2004 (Dissertação de Mestrado).

WASKIEVICZ, Carina Adriana. *Agitação e Propaganda nos Processos de Luta do Acampamento Jair Antônio da Costa*. Brasília: UNB, 2011 (Monografia de conclusão de Graduação).

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

DEPOIMENTOS DA BRIGADA DE AGITPROP – PESQUISA EMPÍRICA

*** Entrevista com Révero Ribeiro – MST/SC (Fazer um pequeno perfil de cada entrevistado quando citá-lo no texto)**

THIAGO

Rodando. Entrevista com Révero, militante do MST de Santa Catarina. Révero, é, como foi pra você participar do processo da Brigada de Agitação e Propaganda durante o sexto congresso?

RÉVERO

Olha, pra mim foi um processo bem intenso, né, a gente tá aqui há quinze dias já. Tivemos uma semana de preparação e eu consegui aprender bastante coisa que eu não sabia sobre Agitação e Propaganda. A parte do estudo eu achei que foi fundamental pra gente pensar Agitação e Propaganda, que geralmente a gente vai lá e faz, né, as ações. Mas a gente nunca para pra ver a parte histórica, quê já fez, erros, acertos. Então achei que foi uma, uma parte muito importante as nossas saídas, várias saídas em rodoviárias, em feiras, em cidades satélites também, e a comunicação com a população pra mim é uma das coisas mais importantes na Agitação e Propaganda. É uma comunicação direta com pessoas que não conhecem o Movimento e a gente tem essa tarefa de levar a mensagem do Movimento, levar o quê que é o Movimento pras pessoas.

THIAGO

E pra você, Révero, qual é a importância da Agitação e Propaganda para os militantes do Movimento?

RÉVERO

Eu acho que a gente se torna mais militante a partir do que você faz Agitação e Propaganda. É um, a gente se sente parte do Movimento, é uma ação coletiva, então você é, o, é obrigado a se articular coletivamente, e isso nos torna mais fortes, com mais vontade de tá militando, de fazendo ações.

*** Entrevista com Leila Maria – MST/RS**

THIAGO

Pra você como foi a participação nesse processo da Brigada de Agitprop?

LEILA MARIA

Eu sou militante do Rio Grande do Sul há um tempo, com Agitação e Propaganda e também teatro. Pra mim foi uma espécie de emulação, poder participar e, acima de tudo, socializar a experiência

com pessoas que estão chegando na militância. O processo de estudo que capacita e forma os militantes, com a experiência concreta do dia a dia. E o fato de estar na rua junto, então o processo da práxis revolucionária esteve presente nesse 6º Congresso. Isso pra mim foi uma grande lição e, de fato, é o que nos valoriza enquanto militante. Foi uma emulação pelo fato de que a gente aprende, ensina e aprende mais uma vez. Não tem história “aqui eu vim aprender”, “aqui eu vim”... É as duas coisas e é o que nos fortalece e dá o gás pra luta militante.

THIAGO

E como você vê a importância da Brigada de Agitprop para a militância do MST?

LEILA MARIA

A Brigada de Agitação e Propaganda do MST tem uma importância muito grandiosa que talvez nós ainda nós não tenhamos nos dado conta pensando o que foi para os custos e o que é para nós, hoje, no MST, na conjuntura política que estamos vivenciando. Porque é uma das formas que a gente consegue chegar ao povo. Não é com qualquer discurso político que a gente consegue chegar ao povo. Com Agitação e Propaganda e com a tática que nós resolvemos trabalhar nessa vez, que foram os palhaços, me parece que fez um grande diferença na aceitação do público. Chegando [os militantes do] MST vestidos de palhaço na Rodoviária de Brasília – no processo de Agitação e Propaganda, em função do 6º Congresso – as pessoas queriam saber o que era [aquilo]. Mesmo quem não gostava de teatro. Pelo palhaço, pela figura graciosa, as pessoas se interessavam em saber do que se tratava. Com isso, nós demos nosso recado, do MST, sobre o que é Reforma Agrária Popular e o que estava acontecendo em Brasília.

*** Entrevista com Nelson de Jesus Guedes – MST/GO**

THIAGO

Nelson, como foi participar, pra você, participar do processo da Brigada de Agitprop?

NELSON

Olha, é, é um processo importante na, eu diria na, em todo o histórico de militância da gente do, como, na tarefa da organização do MST. É, ela teve pra nós como um, um, além de um ensinamento, e uma aprendizagem de grande importância. Eu acho que é, foi de extrema importância participar da, da, de, de extrema participar da, do conjunto da Agitação e Propaganda.

THIAGO

Nelson, e pra você qual é a importância da Agitação e Propaganda com, é, pros militantes do Movimento?

NELSON

É essencial. A, a Agitação e Propaganda eu diria que ela é o carro chefe da, de todo o processo de

divulgação de quê que é o trabalho que o Movimento se, se propõe como organização. Nós vamo levar a nossa, o nosso contexto, a nossa, a nossa história através de formas de teatro, de panfletagem e tudo, é, pa sociedade que não conhece o, a, a, o nosso método de trabalho. Então isso é, com certeza, é, é primordial pa toda a militância do MST.

THIAGO

Valeu, Nelson. Brigado.

*** Entrevista com Mônica Macedo – MST/PR**

THIAGO

É, entrevista com Mônica Macedo, MST Paraná. Mônica, como foi pra você participar do processo da Agitação e Propaganda do congresso?

MÔNICA

Acho que foi uma experiência muito rica, é, na região onde eu moro, eu, a gente já fazia esse tipo de atividades, só que numa dimensão muito menor e a proporção que tem o congresso, né? Ela é muito grande e, então, as ações se tornam grandes também, né? E foi uma experiência muito rica, como já disse. Eu atuei na panfletagem, é, foi um momento muito emocionante na rodoviária, você pensar, ver a reação das pessoas, as diferentes reações, né? As pessoas que pegavam o jornal Brasil de Fato e liam, e o pessoal que pegava o jornal sem terra esmagava assim na tua frente. Então você enquanto militante você sente uma dor muito grande, né? Pensa, se tem um curso, se tem todo um trabalho por por trás daquele jornal, se tem um povo, se tem uma história, né? Então olhar as pessoas rasgando, é, amassando, é doído pra gente enquanto militante, mas é, é necessário pra você ver também qual é a visão das pessoas em relação ao Movimento, né? É, em relação ao Movimento, é a visão que elas tem, a visão torta ou não, né? Então, é o que a mídia passa pra eles. Eu acho que foi, foi uma experiência rica, assim. Acho que as palavras não dão conta de dizer como foi bom. Enfim, acho que é isso.

THIAGO

Mônica, e qual é a importância da Agitação e Propaganda pra militância do MST?

MÔNICA

A importância da Agitação e Propaganda pra militância do MST? Acho que Agitação e Propaganda ela não é algo, digamos assim, visível a todos né? É visível, mas de uma forma diferente, né? Não é aquela coisa “ó, povo, aqui tem, esse é o pessoal da Agitação e Propaganda”. Então as atividades elas são muito mais, digamos assim, por baixo do lençol, né? O povo fica por cima e a gente faz, é, as massas por baixo, né? Então, acho que é de extrema importância Agitação e Propaganda e principalmente agora no congresso que foi algo, que foi algo, que foi um espaço e um, e um grupo

de pessoas, né? A Brigada que agora se tornou, digamos assim, foi o que, foi a base do congresso juntamente com as outras frentes aí, né? Então é de extrema importância pra militância, pra todos os espaços do Movimento.

THIAGO

Você acha que a Agitação e Propaganda contribui de alguma forma pra participação do militante? Nas atividades?

MÔNICA

Sim, eu acho que, desde o momento que a trupe de balai, de palhaço, é, saiu, e a banda fez aquela, deu aquela volta aqui em torno do ginásio, convidando o povo pras plenárias, né? Eu acho que isso, isso já é uma contribuição, isso é chamar atenção prum espaço, né? “Ó, tem a plenária, então vamo”, porque senão o povo se dispersa, né? Tem várias coisas que chamam atenção, então de fato contribuí sim. E pralém disso também, pralém de vir chamar o povo, né? porquê é algo que chama atenção, de criança, adulto, de jovem, de adolescente. Então eu acho que isso chama né? Agitação e Propaganda. Ela agita, pralém dela agitar ela tem outra, outra dimensão, ela tem de propagandear as nossas ações enquanto Movimento.

THIAGO

Valeu, Mônica. Brigadão.

*** Entrevista com Paulo Henrique – MST/CE**

THIAGO

Como foi para você participar desse processo da Brigada de Agitação e Propaganda no congresso?

PAULO HENRIQUE

Pra mim foi uma experiência muito importante como aprendizado pessoal, aprendizado militante e da classe trabalhadores. O que nós, militante do MST, aprendemos nesse 20 dias que passamos aqui em Brasília, discutindo Agitação e Propaganda com a sociedade, é que nós temos a tarefa de multiplicar essa discussão com a base social do MST. O que nós passamos aqui foi simplesmente um acúmulo para que a gente possa, de fato, discutir com nossa base e com nossas instâncias de organização.

THIAGO

Qual a importância da Agitação e Propaganda para militância do MST?

PAULO HENRIQUE

A Agitação e Propaganda tem um papel central na luta de classes. A partir dos desafios contemporâneos de qual [perfil de] militante devemos formar, nós temos a clareza de que precisamos formar militantes agitadores, militantes propagandistas, militantes formadores. A gente

busca no processo histórico da Agitação e Propaganda na classe trabalhadora as lições para que a gente possa formar o militante o século XXI.

*** Entrevista com Anyta Loop – MST/PR**

THIAGO

Anita, pra você, como foi participar desse processo da Brigada de Agitação e Propaganda no Congresso?

ANYTA LOOP

Eu acho que, não só pra mim, mas para os coletivos de juventude de toda a Organização do MST, em todos os Estados, é de grande valia, viu? A gente aprende, a gente se coloca em luta, se coloca em formação, aprende muito com os companheiros, e se vira, né? Porque é necessário. Fica bom. Fica de grande importância para o próprio Movimento. Dá visibilidade para as tarefas da juventude. Dá visibilidade para a própria juventude. Dá à ela um respeito, um respaldo, um compromisso, responsabilidade dentro da Organização. E mostra também a força que a juventude tem, como ela pode contribuir na luta. Seja nas lutas na cidade, seja nas mobilizações, seja nas intervenções cotidianas, seja na própria base. Enfim, dá visibilidade para os coletivos de juventude, para a juventude que está na base.

THIAGO

Como você vê a importância da Agitprop para a militância do MST? De uma forma geral?

ANYTA LOOP

A Agitprop vai contribuir muito, porque vai, de certa maneira, ajudar a gente a chamar a juventude que está por aí, pensando: “E aí? O Movimento ainda faz luta? O Movimento não faz mais luta? Como é que a gente contribui? Como é que a gente se insere?”. Acho que contribui para a gente chamar esse povo que está parado. Contribui para a gente aprender muito mais sobre o que é a organização da classe trabalhadora, da classe operária. E fazer esse vínculo com a sociedade, com quem é da cidade, com quem é do interior. E, enfim, dá ao Movimento a possibilidade de entrar em contato direto com o povo que está aí, que muitas vezes a gente só fala na forma de cartilha, só fala através do jornal, e que, muitas vezes, não chega diretamente ao sujeito que deve receber a nossa mensagem. Eu acho que é uma forma de diálogo importantíssimo, um instrumento de muita valia para a nossa Organização.

THIAGO

E existe alguma relação entre a Agitprop e a cultura do MST? Se sim, qual?

ANYTA LOOP

Eu creio que sim, né? Demonstra a nossa cara, enquanto Movimento Sem Terra. Quem é o povo

camponês. Ensina que a gente também sabe fazer arte. Que a gente também tem cultura. Que a gente preserva e quer preservar e mostrar para toda a sociedade os nossos valores enquanto Movimento Sem Terra. Creio que sim.

*** Entrevista com Carla Loop – COORD. NACIONAL DE CULTURA/MST/PR**

THIAGO

Conta um pouco pra gente como foi esse processo de montagem da Brigada de Agitação e Propaganda para o Congresso?

CARLA LOOP

Essa Brigada de Agitação e Propaganda foi a última equipe a ser criada para o Congresso Nacional do MST, o sexto congresso. Veio da demanda da organização de repensar táticas e estratégicas de se comunicar com a classe trabalhadora da cidade, mas fazer isso desde o campo; principalmente inspirado nas lutas de julho. O Movimento se colocou junto na luta em algumas capitais. Nós organizamos a distribuição de vagas por alguns estados: RJ, PR, SP, CE, GO, DF e alguns outros lugares onde esses sujeitos estão fazendo experiências de Agitação e Propaganda. Aqui, a Brigada se reuniu durante alguns dias para fazer formação teórica, técnica e política.

THIAGO

Como é a questão da formação? É estudo? É um momento de estudo essa formação?

CARLA LOOP

A nossa formação é muito integral. A militância aqui socializou o acúmulo que tem nas suas organizações. Estiveram juntos o Movimento Sem Terra e o Levante Popular da Juventude. Em alguns momentos, (para) se debruçar sobre a conjuntura atual, sobre qual era a demanda que a Agitação e Propaganda tinha de levar aqui para Brasília o Congresso Nacional do MST e a pauta da reforma agrária popular. E dividimos tarefas porque aprendemos no desenvolvimento de seis congressos. Tivemos equipes de panfletagem, de intervenção, de atividades mais decorativas - com faixas, cartazes e elaboração de material. E fomos para as ruas. Nosso principal foco foi a rodoviária; também as feiras aqui no entorno do DF; e, aqui internamente, durante os dias do Congresso, uma das nossas principais ações foi a marcha, com 15 mil sem terras que estiveram nas ruas. A gente fez uma ação na Embaixada dos Estados Unidos, fazendo lambe-lambe no muro, e algumas faixas e ações na Esplanada dos Ministérios.

THIAGO

Carla, como ocorre e qual a necessidade desse processo anterior ao Congresso, de feiras e rodoviárias? No que se constituem essas atividades e por que elas são necessárias?

CARLA LOOP

Todo esse trabalho que o Movimento Sem Terra vem fazendo de discussão da reforma agrária popular só faz sentido se a gente tiver alinhado o campo e a cidade. Essa Brigada tinha como principal objetivo conseguir discutir com o povo brasileiro, aqui principalmente da capital, o que o MST tem de proposta de reforma agrária; colocar em pauta a reforma agrária.

THIAGO

A gente foi para a rodoviária e para as feiras. Por quê? Por que era importante ir para lá e fazer o quê lá?

CARLA LOOP

Uma das formas de organização que a gente fez dentro da Brigada foi um exercício de trabalhar com o palhaço, o clown. Aqui nasceram 25 agitclows: 25 camaradas que se dispuseram a pintar a cara e fazer nascer um palhaço dentro de si para ir às ruas falar da nossa proposta de reforma agrária. Foi muito interessante o contato com a população. A panfletagem tinha outro significado quando o cortejo e o nosso exército de palhaços chegava antes. Nós organizamos uma intervenção com uma denúncia de quais são os quatro pilares que fundamentam o agronegócio: a mídia, a polícia, o poder do Supremo Tribunal Federal. Enfim, falamos muitos sobre o veneno e o que fundamenta o agronegócio. O contato da população era muito receptivo. As pessoas vinham até a gente. Em alguns momentos, as pessoas que estavam fazendo panfletagem ficaram mais de 5 minutos e fizeram muitos mais do que entregar um papel. Elas conseguiram dialogar com as pessoas sobre quais as consequências do uso dos agrotóxicos, o que o veneno causa em nossas vidas e o porquê de 15 mil sem-terra estarem vindo para Brasília nesse momento atual da conjuntura da luta pela terra.

THIAGO

Você falou da Agitação e Propaganda para fora do Movimento, para dialogar com a sociedade. E pra dentro do Movimento? Ela cumpre algum papel? Ela é necessária, ela é importante para dentro da militância?

CARLA LOOP

Uma organização política que não tem Agitação e Propaganda para além, de fora para dentro, terá grandes dificuldades. É essencial que a nossa Brigada Carlos Marighella consiga atuar pra dentro da nossa organização com o papel de ser um articulador com a cidade, com o campo. Ajudar a nossa militância a aprender com o legado histórico que a Agitação e Propaganda tem, da dimensão importante que a gente tem em repensar estratégias de comunicação que são formativas para o povo brasileiro, para a nossa classe trabalhadora. E, internamente, o desafio é grande e necessário. Cabe a nós assumir isso com ousadia, arregaçar as mangas e trabalhar. Seja desde as nossas escolas, as comunidades, os assentamentos e os acampamentos... Em que a gente possa experimentar e vivenciar essas formas de se comunicar com a população e formar consciência da classe trabalhadora para que, em momentos em que a conjuntura exige uma atuação mais dura, mais

eficaz, a gente esteja preparado e saiba acertar o alvo do nosso inimigo.

*** Entrevista com Julio Moreti – MST/MS**

THIAGO

Julio, qual a importância da Agitação e Propaganda para a militância do MST?

JULIO

A Agitação e Propaganda vem, em primeiro (lugar), no sentido de nos formar militantes. O primeiro passo de formação pra Agitação e Propaganda é o estudo; então é uma bela forma... são formas diferentes de compreender os determinados temas para depois a gente ir testar esses nossos conhecimentos na ação. Primeiramente, eu vejo que a importância da Agitação e Propaganda pra nossa militância é o conhecimento dos temas, tanto de forma artística, como de forma prática. Segundo, nós, militantes do MST, temos sempre na prática a nossa principal forma de trabalhar os conteúdos, digamos assim. Então toda parte de Agitação e Propaganda é muito na prática que nos vamos agir. E, como nós fazemos nas nossas ocupações, nas nossas marchas, quando colocamos a nossa pele em risco, a Agitação e Propaganda remete um pouco a isso também. Quando nós saímos nas ruas e vamos expressar as nossas ideias, fazemos umas ações e ela (Agitação e Propaganda) mostra pra nós, militantes, a importância da prática junto com a teoria.

THIAGO

Julio, qual a relação da Agitprop com a cultura do MST?

JULIO

Imensa, imensa. Porque as diversas formas de atuação e ação da Agitação e Propaganda advêm de formas artísticas. Vem muito das poesias nas praças, digamos assim, das intervenções teatrais nas praças, nas ruas, nas igrejas... Então, quase todas as ações da Agitação e Propaganda estão juntas, caminhando ao lado de intervenções artísticas como música e teatro. Trabalhamos muito com couro, pinturas das diversas formas. Então não dá pra pensar Agitação e Propaganda apenas como com a teoria porque boa parte da prática está carregada da arte em suas diversas formas.

*** Entrevista com Raul Amorim – COORDENAÇÃO NACIONAL DO MST**

THIAGO

O que seria Agitação e Propaganda de acordo com os seus conhecimentos, pra você?

RAUL AMORIM

Agitação e Propaganda...é primeiro tocar o dedo na ferida, é fazer a denúncia mas a denúncia que está lá dentro da barriga, são as necessidades primeiras. É agitar pra ação, é motivar as pessoas que

saíam do seu lugar, mas ao mesmo tempo, e aí vem a Propaganda, que nem ao passo que motiva as pessoas a fazerem (sic) algo, ela deve ter consciência do que está fazendo, é um processo de conhecimento da elaboração revolucionária, é a compreensão da necessidade de um programa estratégico. Segundo, a Agitação e Propaganda também é formação de agitadores e de propagandistas, de pessoas que consigam em mensagens simples falar ao povo aquilo que deve ser feito de forma direta, mas também de forma emotiva, de forma que sensibilize as pessoas. E propagandistas que são aqueles que conseguem levar a teoria revolucionária, que consegue explicar de maneira pedagógica o desenvolvimento, construir esse desenvolvimento de consciência para toda população, essa é a necessidade da construção da Agitação e Propaganda. O terceiro é a construção de ferramentas, a construção de técnicas de outros tempos históricos e de agora, iniciativas que vão construindo formas de dialogar com o povo, dialogar com a população pra chegar ao mais próximo... é isso!

THIAGO

E na luta pela reforma agrária popular pra que essa Agitação e Propaganda se manifeste como ela é usada?

RAUL AMORIM

Agitação e Propaganda devem (sic) estar vinculada, no projeto de reforma agrária popular, é um programa, ela deve estar associada primeiramente ao trabalho de base. Ela deve estar no primeiro momento que é da ocupação de terra ou o trabalho de base inclusive interno nos assentamentos e acampamentos. Esse deve ser uma motivação constante com a população, com os sujeitos que constroem... Nós aprendemos com o MST que para além da mensagem, para além de um panfleto, para além de programa de rádio ou se apresentar na televisão fazendo discurso, a ação também agita e propagandeia ideias. Assim como o latifúndio, só ter o latifúndio, a existência do latifúndio produz ideias de concentração, produz ideias de poder. A luta pela reforma agrária, a ação que seja, uma ocupação de terra, que seja uma marcha ela também produz ideias de mobilização, ela produz ideias de mudança.

THIAGO

E isso é feito como? Música, teatro...? Que elementos são trazidos pra dentro dessas ações?

RAUL AMORIM

Esse trabalho, o desafio desse trabalho é tentar – e por isso esse processo de constituição de Brigadas de Agitação – é ir aprimorando as ferramentas, é ir também trazendo vários elementos que potencialize e propagandeie de uma forma mais eficiente a Agitação e Propaganda. Não é simples, conjugar numa palavra de ordem uma síntese que consiga objetivamente garantir a direção pras massas. Então, ela não deve ser só feita no discurso, mas ela deve estar na música, ela deve estar no panfleto, ela deve estar na faixa.

THIAGO

E isso aqui em Brasília, como foi fazer isso aqui, ir pra rua com a função de agitar, patrulhar, ir pra rodoviária, como tu vê esse processo?

RAUL AMORIM

Imagina numa marcha, na marcha as pessoas usam boné para se protegerem (sic) do sol. Boné tem uma utilidade, valor de uso. Ele poderia vir com o boné da Singente, ele poderia vir com o boné da Cargil...Então, é aproveitar algo do valor de uso, a blusa pra proteger o corpo, enfim do sol. A gente utilizar inclusive das coisas que estão aqui com a gente, por que não colocar aqui (ele usa as mão pra demarcar na própria blusa, na altura da barriga) uma mensagem rápida?! O boné, a faixa que transmite ideias a longo prazo, se a gente consegue colocar na internet, um carro de som. Agora o desafio dessas novas mobilizações, mobilizações que estão aparecendo, é que muitas dessas ferramentas elas não estão sendo utilizadas, por vezes negadas. Então, nesse período, nós temos um grande desafio de como fazer Agitação de massas para uma população que, primeiro, não tem experiência organizativa de organização política, que não aprendeu e não houve espaço de formação política e que não participa de um instrumento organizativo, como é que a gente consegue construir instrumentos de Agitação e Propaganda de massas? É um desafio! A gente vê nas ruas, lá não tem um carro de som. Como é que a gente conduz as massas, como é que a gente consegue incidir? É um grande desafio esse período.

ENTREVISTAS – PESQUISA EMPÍRICA*** Entrevista com Rafael Villas Bôas****THIAGO**

Vai sair, mas eu tô gravando nos dois o áudio, mas é pouca coisa, o ar-condicionado atrapalha mais

RAFAEL

Quer desligar?

THIAGO

Não tá de boa, inclusive te pedir um favor, Rafael, bate uma palma pra câmera, Entrevista com Rafael Villas Bôas, 18 de fevereiro de 2014, Rafael, como surge a Agitação e Propaganda pro MST?

RAFAEL

Olho pra você ou pra câmera

THIAGO

Pra mim

RAFAEL

Como é mesmo?

THIAGO

Como surge a Agitação e Propaganda pro MST?

RAFAEL

Olha, do ponto de vista empírico, como uma necessidade de organização social, a gente pode considerar que a Agitação e Propaganda tá nas ações diretas que o Movimento faz desde sua origem, ocupação de terra e toda a simbologia que ele agrega pra fortalecer as ações, tanto de resistência ou despejo, quanto de ataque ao latifúndio, então já é uma forma de Agitação e Propaganda, porque tá politizando o debate sobre a reforma agrária, tá politizando a questão agrária em si no Brasil e tá associando a ideia de Movimento a isso, sejam as marchas também, não só as ações de ocupação de latifúndio, mas também as marchas de denúncia a criminalização, aos massacres, isso já existe faz tempo, o que nós temos ai o Miguel Stédille sistematiza no inicio do texto recente que é Agitação e Propaganda, de 2003 a 2013, é que de maneira consciente, a retomada teórica, a ligação, a ponte feita com a população anterior, para além da experiência do Movimento, é uma medida que começa de maneira mais significativa em 2003, ai tem uma sequencia de atividades formativas, cursos, acampamentos nacionais, processos que vão, que dão um pouco esse contorno mais organizado pra experiência, o que eu posso dizer da minha parte, inclusive coincide quando eu entro no Movimento em 2001 é que o contato com Augusto Boal e o campo da cultura também proporcionou uma consciência maior pras formas de Agitação e Propaganda que varias das técnicas do teatro do oprimido são retomadas de experiências de Agitação e Propaganda soviéticas e alemãs, de coletivos como Bandeira Vermelha, o Cruz Azul e outros, né, o Boal fala que cria, que reúne a poética do teatro do oprimido como teatro jornal, já tava lá, já era feito, o próprio teatro fórum também já tinha experiência e isso vai acrescentando elementos táticos, métodos e formas informais pra experiência da Agitação e Propaganda no Movimento

THIAGO

e esse marco de 2003, ele se deve a alguma ação ou alguma determinação específica, Rafael?

RAFAEL

Salvo o engano, o tempo tem a ver com a turma Lenin, num é, a turma de comunicação do Iterra, né? Do ensino médio. Tem a ver com as discussões mais conscientes na tentativa de retomar isso, agora tem esse elemento que em 2001 começa o contato com Boal, então tudo isso são periodizações a ver, quando a gente começa a tencionar o Boal, ele é a favor da Agitação e Propaganda, mas ele é contra a ideia que o teatro do oprimido seja semelhante a Agitação e Propaganda, eai a experiência do debate sobre os anos 60 volta de maneira muito intensa, mas uma série de coisas começam a acontecer, em 2003 tem o acampamento, o marco de 2003 orgânico,

além do curso, é o acampamento da via campesina aqui em Brasília, foi o primeiro momento dos acampamentos que teve uma Brigada de Agitprop, tem fotos disso, uma Brigada que saia pra rua, saia pra rodoviária com esse intuito claro, com um conceito já de Agitação e Propaganda e paralelo a isso tinha o curso, então são dois percursos que a Agitação e Propaganda vai refazendo, vai sendo feito de maneira teórica e política, uma pelo setor de comunicação, pela retomada por essa via e outro pela cultura e isso vai entroncar mais na frente

MIGUEL

Mas eu acho, já que você não quis entrevistar os dois (risos)

THIAGO

Me lasquei

MIGUEL

Eu acho que tem um outro Movimento ai, deixa só eu complementar, que eu acho que tem um outro Movimento, Rafael, que era da direção nacional, no fundo, a turma Lenin tava tateando, mas não sabia muito bem a decisão do curso de acentuar mais a Agitação e Propaganda foi uma orientação da coordenação nacional, foi uma reflexão de qual era a comunicação que o Movimento precisava pra dar conta desse momento, no final do governo Fernando Henrique

RAFAEL

tinha aquela história do comunicador popular, né?

MIGUEL

é, que era bastante, né, teve uma intencionalidade na direção do Movimento que coincidiu com o fato do setor de cultura e comunicação já tava amadurecendo algo semelhante, então veio de encontro com a demanda da estratégia da organização, mas tinha... porque se não eu acho que cria uma falsa ideia de que isso que a gente assistiu no congresso, no acampamento em 2009, é acumulo provocado pro setor de comunicação e cultura desde a baixo, quando na verdade, sempre esteve sincronizado com a estratégia do Movimento

RAFAEL

Eu via também uma... talvez desde o massacre de Eldorado dos Carajás um questionamento grande, por exemplo, na cultura teve um seminário em 98, um seminário em 96 e depois em 2001, teve um seminário antes da criação da Brigada que era em torno de quais as formas de diálogo e comunicação efetiva com a sociedade, quais os métodos, então disso se criou a semana brasileira da cultura popular e da reforma agrária, no rio, depois em Pernambuco, depois em Belém, Rio, Recife, Belém, então houve tentativas variadas, com diversos métodos de se aproximar da sociedade, eu acho que de fato, Miguel tá correto nisso, há uma deliberação em nível nacional que vai sendo atendida, vai sendo encampada por esses dois setores, a materialização disso, o momento mais forte disso é a marcha de 2005 que no qual a gente envolvido pelas demandas organizativas pré-marcha,

ai claramente uma Brigada de Agitação e Propaganda foi montada pra atuar em Goiânia, Anápolis, todo o distrito federal e entorno, com 100 militantes destacados do Brasil inteiro para a tarefa, um treinamento, lá onde a gente desenvolve, sistematiza a ideia do método, em três quartos, de treinamento nosso, que é o método, teste de munição, conhecimento de artilharia inimiga e contra-ataque e aí a gente teve condições logísticas inclusive de implementar, avaliar o processo, ao longo de semanas e durante a marcha, também continuamos fazendo Agitação e Propaganda sempre com dois vieses, um interno, dentro da organização que seria (?? 03:05) a própria logística da marcha ou do congresso, enfim, mas também um interno pensando em acampamento, em assentamento, as ações do próprio Movimento e externo com a sociedade, trabalho de base, massificação, enfim, articulação política

THIAGO

Então... quando é isso, é entre 2001, 2003, solidificando em 2005 e o porquê desse pensar Agitprop, seria levar as pautas do Movimento pra sociedade de outra forma, qual seria essa motivação

RAFAEL

Essa medida teve clara a condição de desigual de disputa dos corações e mentes com a indústria cultural, sempre foi, a gente não tem emissora de TV, não tem grande imprensa, o Brasil de Fato nasce depois, nunca teve condição igual de competição, tentou até chegar em banca de jornal, mas foi difícil economicamente e por outros motivos, então o porquê sempre foi bom, há experiências organizativas de outra ordem, que não é pelos próprios meios, pelos próprios produtos da televisão, do rádio, do jornal impresso que podem estar associados a eles ou não, mas que podem dar vazão a isso, são tentativas que tem que entrar um pouco essa intuição qual foi o papel que passou a ter a própria Brigada de audiovisual do Via Campesina, quando ela foi criada, porque tudo isso também diz respeito a um empenho do MST, não só na área de cultura e comunicação, mas de modo geral, isso tá na saúde, tá na produção, de apropriação dos meios de produção, tende a não se formar... soberania também, não se tornar vulnerável, de conseguir dominar o processo produtivo iguais e como dar vazão a isso, pra uma época, por exemplo que a gente achava que era por frentes em separado, depois a gente percebeu que a formação de Brigada nos estados reunia não só setores, mas reunia linguagem, fundia processos e tal, uma experiência seminal nisso é a experiência do Mato Grosso do Sul, que começa com o grupo Utopia, você vê como o MST é complexo assim na sua grandeza territorial, completamente em paralelo a Brigada Patativa do Assaré, nascia lá no acampamento um grupo de teatro chamado Utopia que começou a trabalhar de maneira articulada com várias linguagens e começou a fazer trabalho de base, se envolveu de maneira muito intensa na campanha da Olga, fizeram muita Agitação e Propaganda, isso no fim de 2003, 2004 é que eles se conhecem a experiência em nível nacional e a experiência nível nacional toma contato com eles,

isso fortalece, ganha outra dimensão, ganha linha estratégica e tal, mas pra dizer que também nos estados que são comuns ao Movimento em nível nacional, mas também locais regionais, essas experiências volta e meia nascem e morrem, pode ser que daqui há anos pesquisando a história dos estados a gente ainda vai ter contato com outras experiências que surgiram, as vezes com parcerias com estudantes, com sindicatos, por partidos, por outros Movimentos, não sei, essas que a gente já conhece e já sistematizou

THIAGO

Rafael, nesse sentido das experiências diversas e dessa variedade de elementos que fazem surgir com mais força no debate, é... qual seria pra você a importância da Agitação e Propaganda pra militância do Movimento de uma forma geral?

RAFAEL

Eu acho que um aspecto que é muito importante quando a gente consegue consolidar um processo de organização de Brigada, uma dinâmica mesmo de Brigada, para além de uma demanda conjuntural, é que o método de trabalho da Agitação e Propaganda é um método de formação e política muito clássico, é a ideia de práxis foi muito ressaltada aqui na Brigada Marighela durante o processo, muitos perceberam isso espontaneamente, embora tivesse um texto que apontasse pra isso lá na apostila, mas é que você estuda pra elaborar e construir intervenções e o estudo tem a ver tanto com a perspectiva histórica e teórica, quanto com uma análise de conjuntura sempre eminente que tem que entrar em pautas, que isso é o critério que define a condição de comunicação e cultura que a gente quer atingir, então a gente costuma dizer que uma Brigada de Agitprop, se a gente for fazer uma analogia com a tropa militar ela é equivalente a uma tropa de pronto emprego que implica que uma Brigada de Agitprop não tem aquela segmentação interna de divisão alienada do trabalho e que cada um faz uma coisa só ou outra coisa, a ideia é que todo mundo vá se apropriando de todos os processos, ainda que evidentemente possa ter os especialistas em cada área numa Brigada, isso não é impedimento, mas é um processo que dá salto tanto do ponto de vista da formação coletiva quando individual e pra organização potencializa imensamente o nível de articulação política, se você pega assim, quando você tem diversas organizações, instrumentos organizativos políticos, partidário e de mudanças sociais numa cidade e existe uma Brigada, essa Brigada começa a ser muito demandada pra participar desses processos, não só pra fazer intervenções, mas pra contribuir com a análise, porque o tipo de análise que uma Brigada faz também é diferente em relação entre o processo e a intervenção imediata, tá, então isso acaba, bom os depoimentos históricos dizem, os textos, né, isso contribui pra elevação da cultura política da população de modo geral, é essa a grande aposta no caso da Rússia Soviética, que dizer, 3 milhões de pessoas fazendo Agitação e Propaganda, era um nível de empenho, de engajamento imenso capilar na sociedade, né, no tecido social da Rússia revolucionária, que tinha um papel organizativo muito forte, tinha um papel de

politização e de adesão a revolução, o que é eliminado no momento em que a perspectiva revolucionária deixa de existir com Stalin acendendo ao poder, acendido e apoiado pela ala Menchevique que entra no partido Bolchevique depois da guerra civil, enfim

THIAGO

Então a gente poderia associar a Agitprop diretamente a participação política dos militantes do Movimento?

RAFAEL

Uma das formas, né, eu acredito que há várias, o Movimento tem milhões de maneiras de politizar a entrada das pessoas seja pela base, por outros espaços, mas que ele é um processo formativo considerável, ele é e afirmar isso hoje em dia no contexto do Movimento é importante porque nós ainda estamos lutando com o fantasma da imagem rebaixada da Agitação e Propaganda que foi negada com a derrota do golpe de 64, então tudo que foi elaborado, foi depois destruído, seja pela própria ação dos vencedores, seja pela memória renegada dos vencidos que passaram a limpo a história expurgando esse passado, com exceções poucas do Augusto Boal, que ainda assim deram uma ou outra batida na Agitação e Propaganda, então recolocar o patamar da Agitação e Propaganda, não só pra formação, mas pra estratégia da organização, uma organização política do porte do MST, é evidente que ele vai sempre contar com sua força maior nas ações massivas, correspondentes em termos de escala a sua dimensão territorial, mas ele não pode só depender disso, porque ele fica com pouca base de manobra na linha de frente, nas ações, ele precisa...

~Início do vídeo 3~

RAFAEL

Em outras organizações faz sentido, você tem algo como elas valem por si própria, é uma diferença nossa muito grande com o MPL, por exemplo, nós tentamos fazer processos combativos conjuntos aqui em Brasília e a gente sentia muito que tinha uma coisa deles meio fazer por si próprio, o fazer pela aventura do fazer e o nosso caso sempre foi o fazer associado ao propósito maior, isso até hoje a gente sente tensão, a ideia por exemplo de pixar ou não pixar, isso depende no caso no MST, de mil fatores, depende das condições da direção nacional, do diálogo com o governo, a relação com a polícia, a continuidade do tempo de trabalho que a gente tem, se vale a pena ou não dar motivo pra mídia nos expor, caso algo aconteça de errado, quer dizer, isso não acontece pra uma Brigada que sai a rua em três, quatro e vão pixar, são outras mediações nesse processo, são outras questões que estão envolvidas nesse processo, pra nós não, evidente que uma Brigada de molde mais anarquista, anarquista no sentido organizativo, ela vai estranhar muito a Brigada do MST, porque nós estamos, também não no mal sentido, mas no sentido estratégico, submetidos a estratégia maior da organização, a gente não vai fazer coisas a esmo, ao mesmo tempo a gente tem que tá preparado pra qualquer coisa, então a gente tem que ir treinando, mas não necessariamente executando aquilo

antes da hora, mas a gente tem que tá preparado, bem articulado, com boa formação, porque quando as coisas acontecem na ideia de tropa de pronto emprego a gente é acionado e entra em ação, eu acho assim, não só esse processo todo que o grande salto inclusive da Brigada Marighela do congresso, sexto congresso do MST, é que ainda que ela já tinha existido em 2003, 2005, 2007 no quinto congresso, 2009, 2011, 2013 no Hugo Chávez e agora, é que agora ela entrou, a Agitação e Propaganda ela entrou como elemento não só, vamos dizer, periférico no campo das ações, mas entrou como um elemento central nas ações, tanto no MEC, como na praça dos Três poderes na marcha, com várias ações determinantes junto com a estratégia maior da organização, isso tem fontes positivas e dispõe também limites que a gente precisa superar ainda

THIAGO

E pra terminar, não necessariamente para concluir, você falou da questão do teatro popular, o pessoal em 2005 reclamava que nunca tinha tido cinema, teatro e que a Brigada conseguiu levar isso pra eles, qual a relação hoje ou desde que surgiu, da Brigada da Agitprop, das discussões de Agitprop à discussão de cultura no MST?

RAFAEL

Qual é a relação?

THIAGO

Isso, qual é a relação, ela vem de dentro da cultura, ela parte de uma discussão de cultura, ela se soma a discussão de cultura em um momento posteriori, como é que ocorre, porque você já falou da questão da indústria cultural, né?

RAFAEL

Caminhos na direção nacional, demandas estratégicas e como é que os setores vão passando a trabalhar, a gente pode percorrer o modo como Agitação e Propaganda apareceu na comunicação, apareceu na cultura, apareceu na juventude, mas a gente não pode reduzir a Agitação e Propaganda a uma discussão sobre cultura, sobre linguagens artísticas e tal, é maior que isso, em alguma medida, tá a Bia, com os (?? 03:30) a cultura é um meio e nós não temos nenhum problema de afirmar isso, ainda que ela possa ser um meio em si, ela também é um meio para outras coisas, a cultura é um elemento mediador, então não se trata de uma ação de ONG ou cidadã essas coisas de levar cultura ao povo, não é isso, é que a cultura é um meio de ativação de uma forma de percepção da realidade que não tá colocada pelos meios da indústria cultural, não tá colocada pela hegemonia e que pode gerar uma percepção de uma necessidade outra de relações de organizações, de organização social que também não tá dada pelos instrumentos organizativos tradicionais da forma partidária, então a Agitação e Propaganda pode incidir sobre isso em alguns aspectos, e aí o cinema, o teatro, a música, os painéis, as artes plásticas no geral, artes visuais, elas vão cumprir um papel conforme a necessidade da estratégia da organização, também não tá falando em redução, em

subutilização da organização panfletária meramente, mas numa perspectiva que permita tanto uma formação política por meio da estética e que a Agitação e Propaganda faça... o que eu posso dizer do percurso que isso teve na cultura é que em 2005 a cultura fez um seminário chamado Arte e Cultura na formação, com 100 pessoas da comunicação e cultura como formação, frente de massa, saúde, na escola nacional Florestan Fernandes e lá um dos saldos a partir da leitura do "Autor como produtor" e de um debate que a gente teve com Eduardo Costa, primeiro que a cultura deveria dar a vanguarda das ações, na estratégia da organização, não só na retaguarda, que portanto ela deveria assumir uma perspectiva de combate e que a gente deveria parar de se vitimizar e ficar entre essa perspectiva meio produção cultural, meio ação de Agitação e Propaganda e também uma perspectiva de fusão das linguagens artísticas, ou seja, que era um modelo equivocado a ideia de achar que a gente tinha, que o modelo tinha que ser assim, nível nacional a organização por frentes e nos estados também a organização por frentes, o que nós mudamos de 2005 em diante, é que se nível nacional era necessário ter um processo organizativo por frente pra fazer a oficina nacional de música, oficina nacional de artes plásticas, processo da Brigada nacional de teatro, em nível estadual a coisa se dava numa dinâmica diferente, não fazia sentido reproduzir essa lógica, até porque na prática essa lógica não conseguiu ser implantada em nenhum estado, então a gente foi constatando com base no (06:08) também e percebendo qual era, ou seja, em nível nacional a coisa gira numa dinâmica, em nível estadual, local em outra dinâmica e a dinâmica que gira nos estados é a dinâmica da Brigada, a Brigada é uma expressão que teve também várias, Brigada nacional de formação, Brigada nacional de cultura, Brigada estadual de cultura Filhos da Terra no Mato Grosso do Sul, Brigada de Agitprop Semeadores, começou como Brigada de teatro e depois mudou pra Brigada de Agitprop Semeadores porque a gente começou a trabalhar com audiovisual, começou a trabalhar com stencil, começou a trabalhar com música, enfim, então a fusão das linguagens é uma consequência da incorporação do conceito de Agitação e Propaganda e da sua própria dinâmica, mas também não é só uma dimensão teórica e conceitual, como diz o Miguel, não é só o acúmulo de setores, é da prática da organização, é na maneira como isso vai se implementando nos estados e a gente vai vendo, ó, deu certo, num deu certo, aí se formula um conceito também, interno, aí a gente percebe como a coisa funciona hoje, porque não é só uma repetição, o chão histórico da Rússia soviética é completamente diferente do nosso

THIAGO

Perspectivas pra Agitprop de 2014 em diante, do ponto de vista bem pessoal

RAFAEL

Como assim, pessoal

THIAGO

É, você, o que é que você acredita que tenha, qual a nossa perspectiva da Brigada Carlos Marighela

pra esse ano?

RAFAEL

Se a gente conseguir tá no mesmo compasso das lutas sociais que virão, sabendo distinguir o que é manobra de direita, manobra de esquerda, conseguindo com o que nós acumulamos contribuir para o processo de treinamento e formação de outros Movimentos que tão trabalhando e ao mesmo tempo tá atento pra aprender com eles, como a gente já fez agora na marcha com o Levante Popular da Juventude, acho que a gente tem condição de dar um salto capilar no sentido de organização das Brigadas nas capitais, e não só nas capitais, né, tem cidades que são importantes nos estados e que a gente pode vir a ter Brigadas, difícil mensurar, pode ser um salto bem grande, pode ser só uma manutenção de um processo de avanço permanente, regressão eu não vejo muito como, depois desses congressos eu acho difícil de regredir, agora acho difícil, já teve outros momentos em... porque regressão normalmente significa também... não é regredir, é estabilizar, e a estabilização é uma regressão no sentido de que não aproveita a maré pra avançar, então não vejo como isso seja possível agora, eu não sei se gente vai chegar a um status em que tem noção do que a gente quer em Agitação e Propaganda, mas assim, do ponto de vista do que eu conheço da capacidade dos militantes que tão voltando pras direções estaduais e que têm acúmulo nessa área, posso citar (0:08:58.7) na direção estadual de São Paulo, Jânio na direção estadual do Pará, tem os dirigentes da frente de massa do Pará, com a composição da direção estadual no Ceará, a direção estadual em DF, a disposição pra criação de Brigadas de outros estados não vejo muitos impedimentos à frente do ponto de vista político, eu vejo muita abertura, a abertura que a gente teve pra criação dessa Brigada nacional no congresso foi excepcional, tanto da área financeira do Movimento, quanto da área política, assim, nenhuma contestação, nenhum questionamento, nenhum... o Movimento ele funciona assim, as vezes as coisas não são feitas porque não se quer fazer, são feitas porque o conjunto da organização não tá informada sobre a dimensão do que pode ser a coisa, mas aí é tarefa de quem tá envolvido nela expor, elaborar, propor, um planejamento, e se responsabilizar com a execução, se isso é feito a gente sai da condição de achar que tem muitos obstáculos pela frente e passa a encarar eles e ir adiante, bom, nessa avaliação também não tô conseguindo mensurar devidamente qual vai ser o poder da ação repressiva sobre as lutas populares, se for no modo como a imprensa tá anunciando a gente pode ter muito problema objetivo, condições objetivas que limitem a ação, se aprovar a lei antiterrorismo, a depender do tipo de ação que a gente tiver a fazer o próprio MST em si quando for pra rua vai ser reprimido, então isso depende dessas variantes externas também e desse campo de força entre o executivo, o legislativo e o judiciário e o modo como as lutas sociais vão conseguir avançar nesse terreno, o que eu acho que é fato dado é que se as lutas sociais avançarem, a Agitação e Propaganda vai tá dentro delas e vai tá avançando também, se recuarem, não tem como a Agitação e Propaganda tá avançando sobre um recuo das lutas sociais

* Entrevista com Miguel Stédile

THIAGO

Então, a primeira pergunta é: Como é o processo de apropriação e de ressignificação do MST com a Agitação e Propaganda?

MIGUEL STÉDILE

Veja, o termo Agitação e Propaganda ele sempre teve presente nas experiências das organizações de esquerda desde o início do século XX e a partir do período Stalinista esse termo começa a se engessar do ponto de vista organizativo e a partir da crise da esquerda nos anos 80 ele ganha inclusive um tom pejorativo, e tem uma parte da esquerda que vai substituir a ideia da Agitação e Propaganda pela publicidade, né, pela venda das ideias como mercadoria, e que vai de certa forma jogando o termo no ostracismo e nós do Movimento no período do início dos anos 2000, nós começamos a perceber esse Movimento que havia no campo, essa ação do neoliberalismo no campo, que já havia feito uma devassa, digamos assim, com o Movimento sindical, com o Movimento urbano, e agora chegava no campo e começava a constituir, ainda que a gente não tivesse consciência naquele momento, as bases do projeto que hoje a gente chama de agronegócio, e percebíamos então que dias piores viriam pra luta do campo, pra luta social, que o descenso da luta de massas ao qual o Movimento de certa forma havia escapado nos anos 90 começava a chegar no campo, e que portanto exigia que o Movimento buscasse outras formas de se comunicar com a sociedade. Dentro do nosso terceiro congresso, quando nós aprovamos a consigna “Reforma agrária, uma luta de todos” nós já percebíamos, e a reforma agrária popular que nós aprovamos no nosso sexto congresso acentua isso, a ideia de que a reforma agrária no Brasil ela só poderá ser obra dos próprios trabalhadores, urbanos e rurais, então começou a se pensar Agitação e Propaganda como esse método de dialogo com a sociedade e ao mesmo tempo de mobilização, seja na base social do Movimento, seja de outros setores, e fundamentalmente de organização, e aí o Movimento que nós precisamos fazer em relação a isso, na medida em que houve esse ostracismo em que a Agitação e Propaganda foi relegada, foi de recuperar as experiências históricas e compará-las e aproveitá-las e reincorporá-las a partir da experiência do que o MST já vinha construindo, mas se tu buscar nas origens do Movimento nos anos 80 haviam algumas cartilhas que orientavam a organização do Movimento e uma delas já falava do termo Agitação e Propaganda se referindo à concepção clássica, há uma diferença central entre essa concepção clássica e a que nós trabalhamos hoje porque o conceito clássico de Agitação e Propaganda se apoia na ideia do (??? nome 03:17), depois popularizada pelo Lenin que Agitação seria de forma bastante didática, simplista, né, uma ideia que você trabalha com milhares, com centenas de pessoas, enquanto a Propaganda seria

muitas ideias que você trabalha com poucas pessoas e nós fomos percebendo a semelhança desses conceitos clássicos com o que o Movimento já fazia, na frente de massa, como Agitação e no setor de formação com Propaganda, então digamos, o conceito de Agitação e Propaganda que o MST passou a trabalhar a partir da sua experiência acumulada, desde a sua fundação, das ações que nós já fazemos de Agitação e Propaganda sem chamar por esse nome, com o conceito clássico com a formação do setor de cultura e comunicação ela é maior do que isso, Agitação e Propaganda é um método, é uma ferramenta de luta e de formação e de organização vinculada à estratégia daquela organização

THIAGO

Então o trabalho de base desempenhado pelo MST se a gente vai pra questões teóricas, ele poderia ser considerado como atividade de Agitação e Propaganda?

MIGUEL STÉDILE

Totalmente, porque o quê que é a função do trabalho de base quando você pensa tá à frente de massas? É conscientizar famílias que são trabalhadores sem terras, mas que não têm consciência disso ainda e motivá-las à luta, à mobilização na forma do acampamento e depois a ocupação de terras e nesse processo elas vão se organizar, então com certeza o trabalho de base pensando na frente de massa é um trabalho de Agitação e Propaganda, agora o trabalho de base que se realiza no assentamento também, porque ele não deixa de ser uma forma de manter as pessoas organizadas e aí mobilizá-las em torno de objetivos que se colocam, de demandas que se colocam praquela assentamento, seja de forma mais imediata, uma escola, um posto de saúde, uma estrada, seja uma perspectiva mais ampla como a própria reforma agrária popular

THIAGO

Miguel, e dessa perspectiva de já entender Agitprop como algo feito pelo Movimento, por mais que empiricamente, quando se iniciou o processo de refletir sobre Agitprop de forma mais orgânica, mais... seja teórico ou seja pensando nessa Agitprop, refletindo sobre ela?

MIGUEL STÉDILE

Quando é que isso acontece?

THIAGO

É, quando e como isso acontece

MIGUEL STÉDILE

É, como o próprio Rafael já falou, né, então o MST sempre praticou Agitação e Propaganda se a gente for ver stricto sensu o conceito da palavra, né, o trabalho de base, as próprias marchas, né, esse é o exemplo que a gente recorre frequentemente, a mídia trabalha com a crença de que o MST são baderneiros, são vândalos e de repente você tem uma marcha entrando na cidade de forma organizada, uniformizada inclusive visualmente, com palavras de ordem, com músicas, né, então só

a imagem da marcha ela já desconstrói aquela ideia ao mesmo tempo que ela projeta outra, então nós poderíamos dizer que desde a sua fundação o Movimento pratica Agitação e Propaganda, agora reivindicando o conceito de Agitação e Propaganda nós poderíamos identificar no tempo no início dos anos 2000, entre dois... especificamente, formalmente falando na coordenação nacional de 2003 nós fizemos uma discussão mais aprofundada sobre a importância de recuperar a discussão sobre Agitação e Propaganda, mas ela já vinha mais ou menos do ano anterior a partir da crítica e autocrítica que o Movimento fazia sobre a atuação da comunicação

THIAGO

Essa crítica da atuação (??? 06:56) se pautava em quê, entendendo que Agitprop poderia vir para corrigir esses desvios?

MIGUEL STÉDILE

Ela se baseava na correlação de forças, não é que o trabalho de comunicação do MST fosse ruim, vamos dizer assim, entre aspas, né, o caso é que a correlação de forças que tava colocada ela exigia ferramentas que fossem mais efetivas para além dos veículos de comunicação pra enfrentar uma disputa hegemônica que já começava a se colocar na sociedade entre o modelo de agricultura, e que a gente vivencia isso hoje com mais força no agronegócio, então já se percebia que precisava na medida em que o projeto que hoje nós chamamos do agronegócio, vinha municiado de televisão, de artistas, de poder econômico, só os veículos que o Movimento havia construído de forma comunitária, local, eles eram insuficientes pra dar conta dessa disputa de hegemonia na sociedade, e a ideia de recuperar Agitação e Propaganda vem nesse contexto de uma disputa hegemônica, por isso, como eu me referi no começo, a ideia de Agitação é Propaganda tá sempre vinculada à estratégia do Movimento, porque ela tem o objetivo de construir uma outra hegemonia

THIAGO

Unrum, então vindo da perspectiva da comunicação, como complementar a comunicação institucional e convencional entre aspas que o Movimento já fazia, jornal, site e tal, pra quebrar essa hegemonia, e do ponto de vista da cultura, como é essa aproximação da Agitprop ao pensar cultura do Movimento?

MIGUEL STÉDILE

Eu acho que, primeiro só te corrigindo, acho que a comunicação ela não era nesse sentido institucional, né, mas de qualquer forma eu acho que a Agitação e Propaganda, e aí tu pode perceber pela formação das Brigadas, não só pelo caráter temporário, mas pelo caráter intersetorial, então você vai ter gente da formação da frente de massa, da cultura e comunicação, ela sempre vai ter esse caráter transversal dentro da organização, ela não é uma exclusividade, ela não pertence ao setor de comunicação, ela não pertence ao setor de cultura, e ela não está só a serviço da frente de massas ou no setor de formação, então ela tem uma outra característica que ela assume no Movimento é essa

transversalidade, ao contrário da versão mais engessada dela pós-stalinista, onde ela é um departamento dos partidos comunistas, por exemplo, né, recapitulando historicamente, no momento que a direção nacional, coordenação nacional e a comunicação começam a retomar o debate sobre Agitação e Propaganda e vão buscar inspiração, vão resgatar as experiências históricas, em especial desde o começo a experiência soviética, experiência russa revolucionária, ao mesmo tempo o setor de cultura tá fazendo um Movimento de resgatar historicamente a última experiência de Agitação e Propaganda brasileira que é no período do acesso das lutas de massa da década de 60, onde se destacam os (???? 10:00) da UNE, então nós estamos indo beber na primeira fonte, nós cultura, direção, coordenação nacional, nós comunicação e a cultura tá indo beber na última experiência brasileira, então foi um Movimento que foi simultâneo, que foi paralelo e que obviamente exigiu que se encontrasse em determinados momentos, então foi muito rápida a aproximação entre a cultura e a comunicação porque havia uma liga comum ali desses processos históricos e que aí se deu, via desde o teatro fórum, da aproximação com Augusto Boal, com Iná Camargo, com quem havia acumulado sobre esses processos

THIAGO

Então a gente poderia dizer que foi um encontro de ações e aproximações da direção nacional à época, setorial de cultura, do setorial de comunicação

MIGUEL STÉDILE

Num primeiro momento sim, só que logo de imediato há uma
~começo do vídeo 2~

MIGUEL STÉDILE

Pra materializar essa estratégia política

THIAGO

(risos) você respondeu quase tudo. (risos)

MIGUEL STÉDILE

É que eu vi a do Rafael, né. (risos)

THIAGO

Então, esse seminário Arte e Cultura da formação que ocorreu em 200, tu teve a oportunidade de participar dele?

MIGUEL STÉDILE

Não, eu conheço os resultados, mas eu não tava em 2005, eu acho que o ponto de vista, foi um seminário importante pra dar um salto na cultura pra um outro nível, eu acho que do ponto de vista teórico marcou o encontro definitivo do MST com Walter Benjamin, eu acho que ali foi a grande, foi o precisamos buscar referenciais teóricos pra orientar nossa ação estética, nossa ação política e nós fomos encontrar isso na produção (??? 00:57) do Benjamin, isso seja através do impacto que

teve sobre o trabalho de Iná Camargo que era nossa colaboradora, seja das leituras que os militantes estavam fazendo, nós fomos percebendo um conjunto de textos que mesmo sendo no período de disputa ai com o nazifascismo, com a Alemanha dividida num outro contexto histórico, que haviam chaves ali que nos ajudava a pensar a ação da comunicação e cultura, em textos como "O Autor como Produtor", pra mim hoje diz muito você pensar a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica e essas máquinas fotográficas que filma, o próprio autor como produtor hoje Benjamin estaria, a atualidade de Benjamin vem disso, né, o desenvolvimento das forças capitalistas e a tecnologia na área da comunicação e da cultura permitiram acentuar tendências que já haviam no cinema na década de 30

THIAGO

Então tu acha que esse seminário ele pode ter contribuído de base teórica pras formulações posteriores de Agitprop?

MIGUEL STÉDILE

Totalmente, ele é o aquecimento, ele dá a base, o pilar para o que vem depois

THIAGO

Que teve aquela cartilha...

MIGUEL STÉDILE

A cartilha, mas é fundamentalmente a ideia que estava inconsciente na nossa militância, no setor de cultura, faltava digamos assim, reafirmar, declarar, mas que tava ali presente de alguma maneira e que a Iná, as vezes a gente precisa de alguém de fora pra dar aquela cutucada, vocês não estão percebendo, não existe distinção entre o artista e o militante, e entre o militante e o artista, isso vai ser fundamental pra compreender depois, pra fundamentar a ideia que não existe diferença entre o agitador e o propagandista, mas entre o agitador propagandista dirigente, o agitador propagandista militante, nós vimos isso na fala do Rafael, o quê que o processo de capacitação da Agitação e Propaganda levam? Ao processo de ação coletiva individual da formação política de um grau de intensidade que as pessoas que passam pelo processo de Agitação e Propaganda e pelas próprias ações, passam por elevações do nível de consciência que se torna capacitados não apenas para serem agitadores propagandistas, mas para serem dirigentes, porque o que é que o agitador e propagandista? É o cara que pensa estratégia do Movimento e tem que traduzir isso para as massas, então isso não existe uma boa retórica, só isso não é suficiente, exige uma capacidade de análise da sociedade, de correlação de força, estratégia, de tática, então o militante que se forma, é até natural que ele deixe a Agitação e Propaganda para assumir outras tarefas na organização, que esse processo intenso de formação da leitura da realidade e não a leitura da realidade de gabinete (alguém entra)

MIGUEL STÉDILE

não a leitura de realidade de gabinete, mas a leitura da realidade que se dá depois que a ação da Agitação e Propaganda se materializa

THIAGO

Então eu poderia considerar que a Agitação e Propaganda fomenta a participação política dos militantes do MST?

MIGUEL STÉDILE

Totalmente, com certeza, seja na militância que se envolve nas Brigadas, seja na base social, que vai, quando a Agitação e Propaganda é interna, que vai vivenciar esses processos, vamos pegar um exemplo escancarado, a mística do MST não pode ser considerada uma ferramenta de Agitação e Propaganda? Eai quando você assiste uma mística no congresso e você vê que espontaneamente as pessoas reagem, que elas, que através da representação da mística elas entendem quem é o inimigo, quais são os sistemas que estão colocados, essa representação que se coloca, a mística, você tem o momento em que você, que ela não é uma peça de teatro no palco que as pessoas estão assistindo e aplaudem, elas estão interagindo permanentemente, foi isso que nós vimos nas místicas do sexto congresso, quinto congresso, quarto, né

THIAGO

uhum

MIGUEL STÉDILE

Então ai tá evidente essa elevação do nível de consciência que a Agitação e Propaganda propiciam, não só pra quem é da Brigada, na Brigada tem a característica específica e que nós temos insistido muito nisso e o Rafael já fez referencia a isso na distinção enquanto Movimentos, na mesma forma que há setores culturais que pensam a arte pela arte, há setores que pensam Agitação e Propaganda pela Agitação e Propaganda, vamos pegar um exemplo, que era até tema de um programa na TV a cabo na multishow, flashmoob, muito comum, o flashmoob ele é uma intervenção urbana que ela não provoca a nada, ela não leva a organização, ela não leva a mobilização, então ela não é Agitação e Propaganda ainda que ela possa ter elementos estéticos ou de intervenção que a gente veja na Agitação e Propaganda, o que é que é diferença para o agitador propagandista não faz flashmoob, porque ele precisa ter o estudo sistemático, ele precisa tá preparado, ele tem que se apropriar dos dados, ele tem que ter, ele tem que se apropriar daquele conteúdo social que ele tá trabalhando e isso vai exigir dele estudo, vai exigir disciplina, uma sistemática de estudo, de disciplina, de rotina etc. que consequentemente vai contribuir para a elevação da formação política dele

THIAGO

Você falou do flashmoob e tal, eu digo, como ele não poderia ser caracterizado como Agitprop por essa perspectiva? E falando também da formação dos quadros, pra dentro do Movimento isso ficou bem claro, o que é Agitprop pro MST, mas o que se caracteriza Agitação e Propaganda do MST

para a sociedade... como ela se manifesta?

MIGUEL STÉDILE

Eu acho que nós fomos acumulando várias ferramentas e a nossa sabedoria tá em entender que a ferramenta por si só não é Agitação e Propaganda, então por exemplo, eu moro numa cidade de 25 mil habitantes no Rio Grande do Sul que não adianta eu pixar na igreja "fora Syngenta assassina", porque eu vou tá falando algo que a população ali não conhece, Syngenta ou (? 07:39) etc. e isso ganha toda uma outra força se eu faço isso num município do Paraná, agora se eu falo em transnacionais, multinacionais, eu falo da defesa da semente vai se compreendendo, né, então nós sabemos que a ferramenta por si só ela não é Agitação e Propaganda, por mais bonito que seja um stencil que eu produza, uma pixação, se ela não tá colada com uma determinada estratégia política, com uma ação, a arte pela a arte, a Agitação e Propaganda pela Agitação e Propaganda ela é ineficiente, ela pode ser eficiente esteticamente, mas não é politicamente, nem socialmente e eu acho que o Movimento desenvolveu uma série de ferramentas, mas fundamentalmente uma estratégia para dialogar com a sociedade, a Agitação e Propaganda se coloca, hoje o dialogo que tá colocado que a Agitação e Propaganda também tem tarefa de disseminar, é a ideia da reforma agrária popular, acho que a reforma agrária popular só pode ser feita pela classe trabalhadora, pela aliança dos trabalhadores urbanos com os trabalhadores rurais e o que distingue ela da reforma agrária clássica e do projeto do agronegócio, já que a reforma agrária clássica tava baseada só na distribuição de terras, é a produção de alimentos saudáveis, isso é algo que o projeto do agronegócio não pode dar conta, entraria em tilte, em autodestruição se o agronegócio fosse produzir alimentos saudáveis, então esse é o dialogo que o MST vai fazer com a sociedade e a Agitação e Propaganda enquanto método e ferramenta vai ter que construir formas, ferramentas, pra transformar essa estratégia política, reforma agrária popular, alimentos saudáveis em dialogo com a sociedade

THIAGO

E esse dialogo que a Agitação e Propaganda faz desses temas macros esses temas mais candente para o Movimento, por exemplo, é feito com uso de algumas ferramentas artísticas, vamos dizer assim, que tem um pé na arte, né, Teatro, panfletos, painéis, como é essa relação, seja na organicidade, seja na formulação da Agitprop com o pensar cultura no Movimento com a discussão de estética no Movimento

MIGUEL STÉDILE

Esse é um tema bastante complexo, mas aí quem nos ajuda novamente, quem nos ajudou foi o Walter Benjamin, que sempre haviam setores que acusavam o Movimento de fazer uma arte panfletaria, portanto mais rebaixada, né, de... ah, a arte só é verdadeira se ela produz cartazes, se ela movimenta, ai de novo eu volto pra mística, né, inclusive a mística como a da abertura do sexto congresso, qual é o sentimento que você fica ali? Eu pertencço a essa organização, então aquelas

mesmas músicas que o pessoal da universidade faz panfletário, parece engessado, ah, só sai reforma agrária, parece, inclusive pobre nos versos, num contexto político, num ambiente que ela acaba colocada ela ganha um outro potencial, e aí o que o Benjamin dizia: a tendência política que vai dizer se ela, se a arte se baseia na tendência política correta ela vai ser a arte, ao contrário de setores mais elitistas que só é arte aquilo que é nobre etc. né, me parece que dentro do Movimento nós temos isso bem resolvido agora do que era, mas muitas vezes a gente enfrentou isso, inclusive fazendo formação de Agitação e Propaganda com outros setores mais urbanos, em que estão mais acostumados a trabalhar de forma mais individual, e aí certos desvios burgueses, por mais que o termo pareça ultrapassado, mas certos discursos que são apresentados como de esquerda, mas no fundo são liberais, porque é o indivíduo acima de tudo, então ninguém mexe com a minha arte, né, ninguém vai editar meu vídeo, ninguém vai mexer com a minha música, eu é que sou o parâmetro de critério que a minha arte é boa e não a forma social em que ela tá inserida sedimentada na forma de arte e é o critério

THIAGO

Isso não teria espaço, por exemplo, na discussão de Movimento, desse modus operandi de pensar arte e cultura, do individualismo

MIGUEL STÉDILE

Tem, até porque, vejam as pessoas tem que entender que o Movimento é um Movimento social, político, eu me lembro quando eu atuava no setor de comunicação havia um grande debate porque as rádios comunitárias no seu conceito clássico do Movimento das artes musicais sim, a gente tem que (03:08) todo mundo da comunidade, pastor evangélico, grupo de rap, o dono do boteco etc., mas isso é uma ideia idealizada da comunidade como se ela fosse homogênea, como se o pastor evangélico vivesse em harmonia com o grupo de rap, você tinha situações então de raios, em que o grupo de rap terminava o seu programa e o pastor evangélico vinha bater na música dele depois, né, e quando o MST coloca suas forças materiais e financeiras pra fazer uma rádio, ele não tá fazendo uma rádio para a comunidade, e não é uma comunidade, é uma organização política, ele tem que fazer uma rádio a serviço dessa organização política ele não vai ser contra a rádio da comunidade, ou se a comunidade coloca suas para construir, se quer chamar um pastor ou um grupo de rap e um pessoal da religião afro-brasileira e vai conviver todo mundo junto de alguma maneira, mas uma rádio do MST é uma rádio do MST, o sujeito que planta transgênico, se planta com veneno, não vai ter lugar na rádio do MST, agora o pastor evangélico que atua na comunidade, vai ter um lugar na rádio do MST, mas é uma rádio a serviço da estratégia de uma organização e a estratégia de uma organização ela não é um programa, não é os 16 pontos, a indústria, num sei o que, a estratégia de uma organização é a visão de mundo que essa organização tem, portanto ela é incompatível, não cabe o PSDB, não cabe conservadorismo, reacionarismo, não cabe o agronegócio na visão do

mundo do MST, na estratégia de Movimento, vários setores do governo Lula defendiam que era possível uma coexistência pacífica entre o agronegócio e a agricultura familiar, no governo Dilma nem essa possibilidade é colocada e a Agitação e Propaganda, acho que é pra isso, que na visão de mundo do MST, não cabe o sertanejo que é pra vender cerveja e que é pra se gabar de quantas mulheres pegou no baile, não cabe na nossa visão de mundo, porque coloca a venda da mercadoria outras formas de relações sociais

THIAGO

Reproduz, né

MIGUEL STÉDILE

Reproduz. Então nem a arte pela arte, nem a arte serviço de mercadoria cabe dentro da estratégia, dentro da visão de mundo que o MST quer construir, é isso que instui essas concepções

THIAGO

Então para concluir, Miguel, aproveitando o seu texto sobre 10 anos da Agitprop do MST, então pela nossa conversa eu já aumentaria para 13 anos, de 2000 a 2014, da forma que você quiser, breve ou longa assim, em 13 anos, o que mudou, o que se solidificou e quais as perspectivas pra Agitação e Propaganda no Movimento?

MIGUEL STÉDILE

Eu acho que o que mudou foi uma incorporação por parte significativa de boa parte da organização, da importância da Agitação e Propaganda, se pegar uma ideia rebaixada que Agitação e Propaganda é pixação e panfleteação, né, formas antigas, isso não dá pra dizer que ela é uma concepção hegemônica no MST, mas ela é uma visão predominante das direções das instâncias, especialmente daqueles estados mais avançados nisso, né, já se superou uma ideia utilitária que a esquerda que nós herdamos dos anos 80, de que a militância, principalmente a juventude era pra panfletar, pra fazer boca de urna, fazer pixação, etc e com isso vem a ideia de que a Agitação e Propaganda não é uma tarefa apenas dos militantes de base, nem só da juventude, ou nem só da comunicação e da cultura, uma mão dupla, na mesma forma, como ela se coloca como transversal, exige a presença da frente de massa, da formação, do estudo, então isso é a segunda coisa que eu acho significativa, nós formamos ao longo desses anos, um conjunto significativo de militantes, de dirigentes a partir da experiência que tiveram na Agitação e Propaganda, é... eu acho que aumentou a nossa maturidade, a nossa capacidade de identificar as ações de infiltração, das forças de segurança, eu acho que aumentou também o que nós visualizávamos e que tá no texto “Comunicação, cultura, política e hegemonia” de que está (07:46) no Benjamin, de que a minha (07:50) tava permitindo o uso dessas tecnologias, a reapropriação das massas pelos meios de produção, de controle, isso se acentuou, então isso permitiu que nós também desenvolvêssemos táticas mais avançadas da Agitação e Propaganda, de difusão, de concepção, então acho que há um salto organizativo, político muito

grande, mas eu não diria ainda que Agitação e Propaganda do MST já se encontra de forma madura, eu acho que ainda há muito terreno pra ser campeado, pra ser... assim, hoje temos Agitação e Propaganda consolidada no Movimento, eu acho que a importância da Agitação e Propaganda tá consolidada, mas somente quando a gente tem as Brigadas autônomas, capacidade de reagir rapidamente, de formar novos militantes é que nós podemos dizer assim "a Agitação e Propaganda hoje se encontra consolidada", e aí eu acho que é essa perspectiva que se coloca para o futuro, em especial dos grandes centros urbanos

THIAGO

Tu falou do livro de comunicação, cultura política e?

MIGUEL STÉDILE

contexto. Tu nunca leu?

THIAGO

Posso ter lido, mas tenho que verificar depois

MIGUEL STÉDILE

Me avisa

THIAGO

Comunicação, é... eu nunca me lembro se é Comunicação, cultura, política e hegemonia ou se é Política, hegemonia, comunicação e Cultura

THIAGO

Comunicação, cultura política e hegemonia

MIGUEL STÉDILE

Comunicação, Cultura, Hegemonia e cultura

THIAGO

Ah, não é cultura política, não, é cultura, política... pois depois eu vou, tô anotando pra depois procurar, bom, Miguel, é isso mesmo, muitíssimo obrigado

*** Entrevista com Solange**

THIAGO

Solange, cê é de que setorial, Solange, tá há quanto tempo no MST?

SOLANGE

Minha tarefa é no setor de comunicação do MST, eu tô nessa tarefa desde 2004, eu comecei lá no Paraná, na assessoria de imprensa, depois me mudei pra Minas e continuei na tarefa da comunicação

THIAGO

Hoje você tá com uma atuação nacional na comunicação, é isso?

SOLANGE

É, hoje minha tarefa é na direção nacional do setor de comunicação do MST

THIAGO

Solange, e você sabe quando surge a Agitprop no MST e como é esse processo de surgimento?

SOLANGE

Bom, a Agitprop surge em 2003, eu não participei desse processo inicial de surgimento, né, de gestão do Agitprop, porém o Agitprop no MST ele sempre foi uma expressão que perpassa vários setores, né, ele surge junto com o setor de cultura, porém a comunicação e a juventude sempre participaram desse processo de articulação e de gestão da Agitação e Propaganda e ele surge no MST muito mais pela nossa necessidade de dialogar com a sociedade, primeiramente no sentido de levar o nosso projeto de reforma agrária com a sociedade, então traduzir toda essa parafernália que a gente fala de projeto de reforma agrária, do esgotamento do projeto de reforma agrária clássico e da necessidade da construção de reforma agrária popular, então a Agitação e Propaganda ela vem no sentido de agregar a partir das artes e da expressão do teatro, da cultura e da arte o nosso projeto popular pro Brasil, então a Agitação e Propaganda ela vem muito mais nesse sentido de dialogo primeiramente com a sociedade, depois ela também adquire um corpo dentro do MST, internamente, colaborar para a tradução das nossas linhas de atuação enquanto Movimento social, então de forma geral ela é uma expressão cultural, comunicacional e também que envolve muita juventude no sentido de a partir da arte e da comunicação e da cultura a gente dialogar o nosso projeto de reforma agrária e de país pra sociedade e pro nosso país

THIAGO

E, dialogo com a sociedade, você falou de arte e tal, como é feito isso pela sociedade, é com intervenções, é com peça de teatro, como é esse processo da Agitprop para a sociedade

SOLANGE

A Agitação e Propaganda ela surge do processo de estudo, de análise e ela busca a partir dos nossos materiais criar intervenções pra dialogar com a sociedade, então, por exemplo o que tá acontecendo agora no sexto congresso do MST, a gente criou uma Brigada de Agitação e Propaganda pro congresso, na verdade a gente está recriando e é... colocando novamente em funcionamento essa Brigada de audiovisual que a gente já tem a muito tempo, né, de... desculpa, Brigada de Agitação e Propaganda que a gente tem há um tempo no MST e o diálogo com a sociedade, mas no sentido de intervenção, a partir do teatro, da música e também da expressão corporal, então o pessoal tá indo em espaços que são espaços públicos, de muita movimentação, como por exemplo, a rodoviária, espaços comerciais, alguns espaços ontem transitam vários trabalhadores, principalmente na parte da manhã ou no final da tarde, é onde há um grande fluxo de trabalhadores e apresentando nosso

projeto de sociedade também criando peças que questionam o projeto de agricultura do agronegócio, então uma das peças que a gente inclusive viu agora, ontem, que o pessoal tenta mostrar os, a, como o agronegócio ele cria uma rede na sociedade em que ele se protege de várias formas, tem o judiciário, a imprensa, a polícia, né, a igreja, enfim, todo esse processo de construção de uma hegemonia, né, então o agronegócio busca esse processo de construção e o Agitprop ele vem no sentido de questionar isso, porém de uma forma engraçada, caricata, então acaba dialogando bastante com a sociedade, principalmente com quem não conhece e com quem não tem muito estudo sobre a questão da reforma agrária

THIAGO

E olhando pra dentro do Movimento? Qual a importância da Agitação e Propaganda para a militância do Movimento? No contexto de sexto congresso, por exemplo.

SOLANGE

Ah, são vários elementos e vários benefícios, eu sinto que há uma coisa de, há uma questão do coletivo, é importante que o que a gente conseguiu construir a partir da arte, da comunicação...

Vídeo II

THIAGO

Então, Solange, você falou da Agitação e Propaganda para fora do Movimento, mas e pra dentro do Movimento, como é essa (? 00:20) da Agitação e Propaganda para o MST?

SOLANGE

Pra dentro do Movimento, ela, olhando assim na minha visão ela tem dois elementos que são elementos positivos e eu acho que eles contribuí muito pra luta, que é o elemento coletivo, que é a gente ter uma Brigada, conseguir formar uma Brigada de Agitação e Propaganda, que a formação de uma Brigada de Agitação e Propaganda ela pressupõe muito estudo, não é somente a intervenção pela intervenção, então pra que a Brigada chegue a fazer uma intervenção artística, inclusive interna, pra nossa base, é preciso muito estudo, conhecimento, debate, da linha de como vai atuar, então é esse elemento do estudo, da formação e também da expressão dos nossos militantes, os nossos militantes teriam essa condição de expressar a partir das artes e do humor, o nosso projeto e as nossas linhas políticas e também individual, eu acho que ela contribuí muito no crescimento do militante, como sujeito, nesse processo de mudança e de transformação, porque esse individuo que vai participar da Brigada, ele precisa estudar, se formar, se aperfeiçoar, então, é um elemento também que individualmente contribuí pra formação da consciência dos militantes e também pra sua atuação na frente que ele definiu, que ele escolheu pra atuar, que é a frente, essa frente da arte, do humor, da expressão

THIAGO

Ela contribuí pra um engajamento político dos militantes do Movimento? Ela contribuí de alguma

forma?

SOLANGE

Com certeza, porque primeiramente pra você é.. ter esse processo de expressão e de...

*** Entrevista com Felipe Canova – MST/DF**

THIAGO

Felipe, você é militante do MST? Faz parte de algum setorial?

FELIPE CANOVA

Sou militante do MST, da Brigada de audiovisual da Via Campesina e do coletivo de cultura do MST.

THIAGO

Faz quanto que você faz parte do MST?

FELIPE CANOVA

Comecei a contribuir com atividades no MST em 2002, junto ao coletivo de cultura de Pernambuco, atuando na Brigada de painelistas, naquela época não tinha Brigada de audiovisual. Entrei com tarefa organica Movimento em 2006.

THIAGO

Então você pegou o começo das discussões sobre Agitação e Propaganda no MST?

FELIPE CANOVA

Sim, sim, peguei

THIAGO

Quando isso ocorreu?

FELIPE CANOVA

Claro que a Agitação e Propaganda ela surge desde o começo do coletivo de cultura e do setor de comunicação; eles vão se encontrar depois, talvez onde eles se fundam realmente, no Cursos de Comunicação e Cultura de 2006, na Escola Florestan Fernandes. Mas o seminário de cultura, que teve na Escola Florestan Fernandes em 2005, foi um seminário que eu participei, ali teve um começo de sistematização de experiências que já iam ocorrendo em varios lugares, como na Brigada Patativa do Assaré de Teatro, que teve um processo de formação bem legal com o Augusto Boal... O trabalho na frente de música que sempre teve produção, as articulações dos painelistas... O material de formação desse seminário de 2005, que, se não me engano, é aquela cartilha “Ensaio sobre arte e cultura na formação” é um material fundamental para entender um pouco dessa discussão prévia.

THIAGO

Nesse seminário, em 2005, já se fala claramente na expressão, da prática, Agitação e Propaganda?

FELIPE CANOVA

Acho que sim, acho que isso já estava colocado da prática que vinha principalmente do teatro.

THIAGO

E essa prática do Teatro foi o primeiro passo do Movimento nessas ações de arte e cultura, a Brigada Patativa do Assaré, ou já vem do processo?

FELIPE CANOVA

Acho que já vem de antes, pela própria necessidade de fundar o coletivo de comunicação e cultura, já é a percepção que essa atividade de Agitação e Propaganda não deveria ficar ligada somente a uma direção mais operacional, digamos assim; aquela ideia que a tarefa do agitador é aquele momento da pichação e da panfletagem, isso ai resume e limita o que é Agitprop dentro do Movimento. O processo de formação de um coletivo de cultura e um aumento das demandas, das tarefas e da sistematização assumidas pelo setor de comunicação da uma base orgânica para outro patamar da Agitação e Propaganda.

THIAGO

Como você vê a inserção da Agitação e Propaganda no setorial que você mais acompanha, que é o de cultura? Como você vê a ligação da Agitação e Propaganda com a cultura?

FELIPE CANOVA

Acho que tem a dimensão que a Agitação e Propaganda na organização assume uma tarefa de fazer um processo de politização e fomentar a mobilização; a partir desses dois pilares, a cultura é tida como fundametal não só para o entretenimento dentro da própria organização, vão ter, por exemplo, nossos animadores, que vão lá e tocam, o pessoal que faz a dança, isso pensando as frentes que constituem o coletivo de cultura, o pessoal da música, das artes plásticas, o pessoal do audiovisual. Eles transcendem uma dimensão só do entretenimento e passam para problematizadores e passam a atuar nessas duas dimensões de construção da Agitação e Propaganda, tanto de formento da mobilização como também na politização, a partir da forma estética, da ligação da estética e da forma social de pensar esses processos.

THIAGO

A Agitação e Propaganda poderia ser entendida como parte integrante de uma política cultural do Movimento?

FELIPE CANOVA

Acho que sim, acho que é parte estruturante dessa política cultural.

THIAGO

Dentro desse acompanhamento do setorial de cultura, você chegou a acompanhar muitas atividades de Agitação e Propaganda, muitas intervenções?

FELIPE CANOVA

Como assim?

THIAGO

Você chegou a participar, registrar, de atividades durante, digamos assim; desde 2005 as discussões, 2007 sai a cartilha da Via Campesina e de lá para cá tem a participação do quinto congresso. Nesse processo, você chegou a acompanhar de perto, dentro da Brigada? É essa a questão. Então nessa sua percepção de acompanhar, qual a percepção da Agitação e Propaganda para fora do Movimento, para o diálogo com a sociedade?

FELIPE CANOVA

Acho que o Movimento tem necessidade de tentar construir esse projeto maior. O MST tem claro que só a luta pela reforma agrária é muito limitada para a sua própria bandeira de luta, tem um caráter que é maior que tem que passar pelo próprio MST e atingir um campo político, digamos assim, e esse é um desafio da organização. Uma das formas de chegar próximo desse desafio é na Agitação e Propaganda. É na condição que ela tem de criar um processo de politização, de comunicar o que é o projeto, propagandear o que é o projeto e de agitar, de formentar essa indignação, essa mobilização. Ai, por exemplo, quinto congresso, acampamento de mobilização de 2009, isso tá sempre presente de forma mais ou menos organizada, mas tá sempre ai.

THIAGO

Para fora tem essa perspectiva e para dentro do Movimento? Você falou da mobilização, da motivação, como você acha que a Agitprop contribui para dentro do Movimento? Qual a importância dela para dentro do Movimento?

FELIPE CANOVA

Ai eu acho que é Agitação e Propaganda quanto um processo formativo, isso é fundamental para dentro da militância e talvez isso tenha que ser entendido de uma lógica um pouco diferente de partido, por exemplo. As vezes os partidos criam um espaço de inserir a juventude através de tarefas de Agitação e Propaganda, é o momento que você vai fazer uma aventura as três horas da manhã de fazer uma pichação colocando a bandeira de luta do partido e isso se torna uma forma de você fazer uma vivência com as bandeiras do partido. No caso do MST, acho que atua de uma lógica distinta porque entra dentro de um organicidade do Movimento; no momento que a Agitação e propaganda entra no centro de formação, nas áreas do acampamentos e assentamentos, já existe uma vivência do que é Agitação e Propaganda formativa, no sentido dos quadros, da formação da militância da militância dialogar entre si. Tem esse caráter do processo formativo, porque o Movimento tem uma série de limitações e isso tá colocado: a dificuldade de comunicar entre as áreas, por exemplo; a distância entre acampados e assentados; entre os quadros dirigentes e os quadros de base e a Agitação pode servir como um espécie de cimento e nutrir uma coesão entre essas diferentes instancias e territórios da organização. O audiovisual criou dentro do Movimento, dentro do curso,

uma espécie de pacto estético e político de como operar. Tem um texto que fala exatamente disso, que é muito ligado à Agitação e Propaganda, são oito pontos que sistematizam essa discussão nossa.

THIAGO

Tu falaste sobre espaço formativo; Agitação e Propaganda se caracteriza pela ação, mas tu falaste muito em formação, como é essa dialética? Há espaço para os dois?

FELIPE CANOVA

Isso vem muito do momento histórico que a gente vive. Imagina como era Agitação e Propaganda na Rússia, Cuba ou na Nicarágua... Tinha uma dimensão de realmente concretizar um projeto revolucionário. Aqui, e pode soar muito pretensioso para quem não conhece o que acontece dentro de uma organização como o MST, a gente pode concretizar práticas transformadoras, dentro das estruturas que o Movimento tem, seja de organicidade ou seja de território. Como que o Movimento pode se desafiar limites que são colocados pela conjuntura histórica, para isso a Agitação e Propaganda é fundamental. Quando a gente vai para uma mistica e vê uma companheira declamando um poesia, ou mesmo uma fala de uma companheira mulher e negra, dizendo que a nossa linha de ação tem que ser assim e assado. Como é que essa prática pode ser revolucionária para dentro da organização; essa é uma questão chave. Outra questão é mais conjuntural; o momento hoje é um momento formativo, temos que ter clareza que vivemos um momento de descenso na luta de massas, mas também ficar só em formação em cima de formação vai ser insuficiente para a demanda que a gente tem de construir novas práticas e principalmente de tencionar a transformação; a gente precisa criar os espaços de embate e enfrentamento com as contradições que são mais visíveis e acumular forças para as contradições que também são visíveis, mas são de outro período histórico.

THIAGO

Sobre Agitprop, o que muda de sete anos atrás, no quinto congresso, para hoje, fevereiro de 2014, neste sexto congresso? O que ocorre nesse período para a Agitação e Propaganda no MST?

FELIPE CANOVA

Acho que a gente tem um processo de maturação de uma discussão que começou um pouco descolada do todo da organização, que avançou muito dentro dos setores, mas as que vezes não dialogou muito com outras instâncias, tanto de direção ou de base. Ai a gente uma discussão que, para quem convive dentro dos setores, tá colocada, mas que as vezes não dialoga com o todo; a gente tem uma ponta que avançou muito no debate, mas que tem um todo que talvez não conheça as dimensões mais complexas, que se integram dentro da Agitação e Propaganda. Tem também a necessidade de dar respostas que são desse momento: como a Agitação e Propaganda pode fazer, algo que é central agora, que é dizer para a sociedade o que é a reforma agrária popular? Isso que a gente tem feito aqui, da Brigada de Agitprop, é muito nessa linha: como é que a gente pode

dialogar, comunicar o nosso projeto, expor quem é o nosso inimigo prioritário e por aí vai... Outra é tentar problematizar questões que estão colocadas agora e que a gente não sabe para onde vão. Por exemplo, a gente tem um campo da esquerda um pouco fragmentado e muito disperso, como que a Agitação e Propaganda poderia criar um processo de coesão em um processo de luta como foi nos protestos de junho? Se a gente tivesse uma liga nesse processo de Agitação e Propaganda, poderíamos ter uma intervenção muito mais incisiva naquele processo de junho, isso não aconteceu, por quê? Será que o MST está falando muito para dentro del mesmo? Isso é um questionamento que é deste momento de agora. O inimigo principal continua o mesmo de 2007, mas a gente tem um campo difusão e, talvez, em mais eboição, como a Agitação e propgando pode atuar? Já vem atuando.